

**Universidade Federal de São Carlos
Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social**



Marcos Vinícius Guidotti Silva

Dissertação (Mixtape): na humildade sampleando a quebrada para desenrolar na antropologia

**São Carlos
2017**

**Universidade Federal de São Carlos
Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-graduação em Antropologia Social**

Dissertação (Mixtape): na humildade sampleando a quebrada para desenrolar na antropologia

Marcos Vinícius Guidotti Silva

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), sob orientação do Prof. Dr. em Antropologia Social Jorge Luiz Mattar Villela, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Jorge Mattar Villela (orientador – UFSCar).

Dra. Ariana de Cassia Rumstain (Prefeitura Municipal de São Bernado do Campo).

Prof. Dr. Alexandre Barbosa Pereira (UNIFESP).



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL
Via Washington Luis, Km 235 - Caixa Postal 676
CEP 13565-905 - São Carlos - SP - Brasil
Fone: (16) 3351-8371 - ppgas.coord@ufscar.br



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

BANCA EXAMINADORA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE

Marcos Vinícius Guidotti Silva

07/12/2017

Prof. Dr. Jorge Luiz Mattar Villela
Orientador e Presidente
Universidade Federal de São Carlos / UFSCar

Prof. Dr. Alexandre Barbosa Pereira
Universidade de São Paulo / USP

Profa. Dra. Ariana de Cassia Rumstain
Prefeitura Municipal de São Bernardo do Campo

Submetida à defesa em sessão pública
Realizada às 15:00h no dia 07/12/2017.

Banca Examinadora:
Prof. Dr. Jorge Luiz Mattar Villela
Prof. Dr. Alexandre Barbosa Pereira
Profa. Dra. Ariana de Cassia Rumstain

Homologado na CPG-PPGAS na
_____ª Reunião no dia ____ / ____ / ____.

Prof. Dr. Jorge Luiz Mattar Villela
Coordenador do PPGAS

Resumo

Na quebrada de Heliópolis, todo ano, no domingo que antecede ao Natal, o famoso time de futebol Flor de São João Clímaco realiza em seu campo na Vila Arapuá a festa do jogo do Preto Contra Branco. Festa que mobiliza moradores de Heliópolis e região. O evento acontece há quarenta e quatro anos e desde as primeiras edições atualiza duas premissas que a sabedoria ensina. Em primeiro lugar celebrar a amizade e, em segundo, procura-se estabelecer se os melhores são os pretos ou os brancos. Sem excluir as diferenças, é na primeira premissa que prefiro tentar conduzir a mente para refletir com a quebrada. Desse modo, quando aproveitamos a oportunidade de celebrarmos a amizade no Preto Contra Branco, além de participarmos de uma celebração, vivenciamos a situação de produzir conexões e diferenças entre nós que somos da mesma quebrada. Com esses ensinamentos, o Preto Contra Branco me serve de metáfora para expressar a escrita desta dissertação. A cada movimento da caneta procuro estabelecer conexões e contrastes entre a minha quebrada e a antropologia num único regime narrativo. Uma escrita que coloca o problema epistemológico das possibilidades de conhecimento quando o pensador tem o privilégio de ingressar na Universidade pelas ações afirmativas e opta estudar antropologia para se aprimorar na sabedoria da quebrada que o projetou para o mundo. Na humildade, esta dissertação é parte do meu corre, e, por questões do método que corre pelo certo, só pude apresentar o que se segue no formato dessa mixtape. No lado A da fita apresento uma parada mais conceitual e no lado B as faixas são voltadas para um tipo de narrativa sobre a minha quebrada que pretendo continuar com o título de mestre em antropologia social.

Palavras-chave: Quebrada; quebrada de Heliópolis; antropologia urbana; escrita antropológica.

Abstract

In the *quebrada* of Heliópolis, annually on the Sunday before Christmas, the famous soccer team Flor de São João Clímaco performs in its Villa Arapuá's field the party of the Black Versus White's Game, a festival that mobilizes residents of Heliópolis and surroundings. The event took place forty-four years ago, and, since the first editions, it updates two premises that knowledge teaches. Firstly, to celebrate the friendship. Secondly, it is sought to establish whether the best is the black or the white ones. Not excluding the differences, it's in the first premise that I prefer to conduct the mind to reflect with the *quebrada*. Thereby, when we take the opportunity to celebrate the friendship at the Black Versus White, beyond engaging in a celebration, we experience the situation of producing connections and differences between we, who are from the *quebrada*. With these teachings, the Black Versus White suits me as a metaphor to express the writing of this dissertation. In each pen's movement, I seek to establish connections and contrasts between my *quebrada* and Anthropology in a single narrative regime. A writing that places the epistemological problem of the knowledge's possibilities when the thinker has the opportunity to join the university through affirmative actions and chooses to study Anthropology to master the *quebrada*'s knowledge that projected him to the world. Humbly, this dissertation is part of my struggle, and, because of the method that struggles for the right, I could only present what follows in the shape of this mixtape. In the A-side, I present a more conceptual stuff, and, in the B-Side, the tracks aims a certain type of narrative about my *quebrada*, in which I intend to develop with the master's degree in social anthropology.

Keywords: Quebrada; quebrada de Heliópolis; urban anthropology; antropological writing.

Índice

Lado A – Capítulo 1.....	8
1.1. Quebrada de inspirações.....	8
1.2. Samples, mixer e estratégia narrativa.....	8
1.3. Mixtape.....	10
1.4. Das cotas ao argumento de luta no campo.....	11
1.5. Breve história da favela de Heliópolis e contrastes das memórias da quebrada.....	12
1.6. Escrita entre contrastes na quebrada.....	17
1.7. Rolê teórico.....	18
1.8. De rolê pela quebrada.....	20
1.9. Dia de festa de pretos e brancos.....	21
1. 10. Campos e barracos (em memória de seu Gabizinho e da velha guarda do Flor).....	22
1. 11. A paz contra o poder.....	26
1. 12. Ladrões e justiceiros.....	28
1. 13. Ladrões contra ladrões.....	30
Lado B – Capítulo 2.....	33
2. 1. Apresentação de Quebrada.....	33
2. 2. Entregue às paixões.....	36
2. 3. Fé em Deus que ele é justo, Quebrada.....	40
2.4. Vale a pena tentar e continuar a caminhada.....	42
Bibliografia.....	43

Salve Santa Clara, agradeço por clarear meu caminho com pessoas tão iluminadas que tive o privilégio de encontrar. Que o nosso trabalho seja executado, compreendido e continuado... Amém!

Lado A – Capítulo 1

1.1. Quebrada de inspirações

A Guerra Santa nesta parte do mundo, século XXI, já perdura mais de 500 dos 2017 anos de idade de nosso Senhor. Para nós, é ponto de fé que a Virgem não intervém por forma alguma “nesta coisa iníqua e bárbara que se chama guerra”, então, Ogunhê! Sanctus Georgios! Peço tua permissão, na humildade que cabe ao mensageiro de sua Companhia, para que eu atravesse as linhas cruzadas e verbalize a Palavra. Sei que não podemos olhar para o passado, aquela paz jaz e não fomos nós que começamos a Armada, apenas a lutamos. Mas cantarei a esses alvos que pediram para o deus deles, Padre, que guardaste a Espada, à Escrita, no valer dela contra nós Mouros¹ metendo o reino deles pela nossa África quebrada adentro. Ademais, sob o poente esbraseado, só sei do que vivi, por isso, é da Terra que forja, no Sol do meu sangue, o Trono do meu clarão que este texto vai tratar. Rogo a vós, então, ó, Musas, pretas e brancas, de benditos frutos, que não me deixem esquecer o que devo escrever, pelo amor de dona Maria, pois sois semideusas presentes em todas quebradas, sabeis de tudo no criar de poetas e guerreiros; me toquem com tua inspiração e potência porque são coisas de nosso Reino, entre o tempo e a memória, que agora passo a escrever.

1.2. Samples, mixer e estratégia narrativa

Considero como essencial na minha caminhada o período que voltei a morar na quebrada de Heliópolis em 2016. Entre as várias pessoas que tive o privilégio de trocar ideia nessa época está o dj Regis. Antigo dj da quebrada de Heliópolis que animou os bailes da juventude da quebrada nos anos 2000. Hoje Regis, ou Reginaldo, trampa como educador da União de Núcleos e Associações de Moradores de Heliópolis e Região (UNAS) e ainda é dedicado à população jovem. Num dia na quebrada presenciei Reginaldo riscando (scratching) seus toca discos numa oficina de rap. Nessa mão fiquei ligeiro, pois vislumbrei a invenção em ato de uma composição que – com recortes e colagens de trechos musicais, samples, – apresenta o novo a partir de fragmentos da realidade imediata do compositor.

1 Como vive afirmando frequentemente o Doutor Samuel Wandernes, homem intelectual, poeta e promotor da Comarca da Vila de Taperoá descrita por Suassuna: os árabes, negros, judeus, tapuias, asiáticos, berberes e outros povos mouros do mundo, são sempre aciganados, vagabundos natos, meio ladrões, trocadores de cavalos, irresponsáveis e valdevinos; e nosso estranho grupo de Cavaleiros que iniciava a mais terrível agitação, revelava no conjunto, ao primeiro exame, alguma coisa de errante, como uma tribo selvagem, nômade, de Sabotage, empoeirada e sem confiança (SUASSUNA, 1971: 07).

É uma parada que me inspira e nesse sentido, KL Jay, pensador das quebradas e consagrado DJ do grupo de rap Racionais MC's, nos ajuda a compreender, em entrevista², o processo de invenção por samples e mixagem:

O meu jeito de fazer música. Eu ouço uma música, uma música dos anos setenta. Ou, eu ouço uma nota de piano, ou um timbre de baixo, né? [...] Ou uma música dos anos setenta. Eu ouço e falo: dessa música dá para sair um bom rap. Entende? Então, é a partir de uma nota, de um sample. Eu quero continuar produzindo do jeito, vamos dizer, tradicional, clássico [...]. É, a partir dali você cria a batida e põe outros arranjos. Eu não consigo fazer uma música a partir de uma batida de um timbre de bumbo e caixa, entendeu? [...] Eu vou no sample, na nota [...]. Entrei no funk e já fui na onda e entrei para o rap na transição. E o rap me levou para os anos cinquenta. Para os anos cinquenta, sessenta, setenta. Que aí com os samples eu fui no blues, no jazz, no rock. Foda! [...] Dá para dizer que é infinito até.

Posteriormente, pela observação mais apurada do mixer de um dj – instrumento musical de formato analógico ou digital que capta variadas fontes de som –, reconheci uma máquina aberta a vários fluxos de informação, recebidos por canais de entrada. Com as informações transitando pelas interfaces de seu mixer, o compositor deixa e faz fluir as composições de outros artistas; experimenta ritmos, extrai referências, as recorta, copia, cola e produz samples. Em suma, com esta máquina, o dj conecta diferentes culturas, atravessa contextos, reconhece contrastes de signos e inventa sua própria cultura para transmiti-la por um único canal de saída; a batida musical do rap ou do funk, por exemplo.

Correm pelas ciências sociais de São Paulo análises que optam por definir esse nosso tipo de produção da quebrada como coisa das margens da cidade. Na moral, particularmente, ao tentar fazer valer a minha escrita pelo conceito de margem e de sua relação, por corolário, com o conceito de centro, minhas ideias se assemelhavam com as de capitão do mato que enquadra a quebrada. Porque compreendi que, pelo conceito de margem, nossas manifestações inventivas figuram, quando não pela falta de cultura, como efeitos relativos à expropriação urbana, ao poder estatal e de mercados. Por essa perspectiva, nós das quebradas somos vozes sem expressão e compreensão à margem de um centro retórico que nenhum intelectual até agora teve as moral de dar as coordenadas para defini-lo com precisão.

Na busca da liberdade sem sugerir apostasia e perda de tempo com falsos problemas – pois, no desbaratino, em ciência cada cabeça, cada sentença –, sampleio a sabedoria da quebrada que me é central para abrir canais de captação e transitar entre diversos meios de conhecimentos que tenho o privilégio do contato. Transito pela minha quebrada, pela antropologia, literatura, música e ciências sociais. Na transição, pedindo a proteção de Exú, vislumbro a invenção da minha escrita. Nessa sintonia pensar a quebrada é mixar. É deixar e fazer fluir ideias, experimentar ritmos de outros pensadores (das quebradas ou de fora delas), extrair

2 <https://www.youtube.com/watch?v=VB9REiTqZcw>

referências, recortá-las, copiar e colá-las na produção de samples que compõem uma batida da quebrada que tenta transmitir na humildade uma narrativa escrita.

1.3. Mixtape

No desenrolar das noções de sample e mixer na composição textual, a opção para expressar minhas ideias foi a mesma de muitos rappers, dj's, mc's e sambistas. O propósito inicial foi compor vários subcapítulos e lançá-los no formato similar de um álbum long play, com dois lados de longas faixas descritivas bem organizadas e distribuídas numa narrativa organizada da minha quebrada.

Suave, gravar um disco é a vontade de muitos e muitas que aprendem a tocar um instrumento pela inspiração da quebrada. No entanto, são poucos e poucas que conseguem trabalhar com o necessário para a produção de um álbum bem bolado em vinil. Como exemplo me vem fácil na mente um mano que trombei durante a minha pesquisa de mestrado. O nome desse mano é João Paulo, vulgo Neguinho Abraão. O Neguinho foi o melhor músico de percussão, na minha opinião, de nossa geração. O moleque era pique Naná Vasconcelos, tirava som e ritmo de tudo. Quando éramos pivetes, tocávamos juntos num grupo de samba/pagode no final dos anos noventa. Nossas inspirações eram os músicos de gerações anteriores e os grupos de sucesso como Sensação, Só Preto Sem Preconceito, Soweto, Pixote e Sem Compromisso. A meta era gravar uma fita demo para apresentarmos nossa arte e depois um CD para “fazer sucesso”. Obviamente não conseguimos. Tivemos que começar a trabalhar cedo para ajudar em nossas casas e correr das coisas erradas da quebrada. Hoje o Abraão tá criando, na maior resposta, sua família trampano de terno como segurança e eu tô aí tentando apreender a escrever sobre essas coisas da nossa quebrada.

Com a minha resposta de produzir uma dissertação, vislumbrei a possibilidade de lançar um trampo conceitual com meu estudo. No entanto, na pretensão de tentar ser um intelectual – de uma ciência como a antropologia que se vale da relação teórica do par de opostos sujeito e objeto –, fui brechado pelo desenrolar de várias fitas e tretas que aconteceram na quebrada durante meu trabalho. Ainda não tive a consciência necessária para converter esses B.O's em narrativa. Quem sabe numa próxima oportunidade, num doutorado e artigos científicos se pá. Mas o curso de mestrado já me possibilitou desenvolver algumas faixas narrativas inspiradas pela sabedoria da minha quebrada. Coisa pouca para o ideal de um texto no formato de um álbum longo, mas suficiente para uma mixtape (tipo de produção artística que inicialmente era gravada em fitas K-7 e atualmente figura por meio de mídias digitais).

Pelas características do meu material narrativo, optei por este último formato. Visto que uma mixtape é uma compilação de fontes alternativas da produção artística. Com faixas que podem ser apresentadas na organização sequencial ou agrupadas por características comuns, como época na qual foram produzidas, gênero e escolhas pessoais do artista. Como geralmente acontece com as outras mixtapes, esta visa apenas apresentar as características da minha produção, da minha forma de escrever e pensar. Serve apenas para dar visibilidade para o projeto intelectual que vou continuar desenvolvendo porque, como me disse Neguinho Abrão quando nos trombamos, “é para frente que se anda e a gente num pode parar nêgo”.

1.4. Das cotas ao argumento de luta no campo

A pesquisa que fundamenta o desenvolvimento do curso de mestrado do qual esta mixtape toma parte é sobre a minha quebrada; pensada a partir de dada perspectiva analítica que privilegia a relação entre os saberes apreendidos na quebrada de Heliópolis e os saberes apreendidos na Universidade Federal de São Carlos. Como se verá ao longo do texto, o objeto da escrita é a minha própria escrita. Esta escrita é o efeito dos contrastes e conexões que marcam diferentes transições. Para começar a ilustrar os contrastes e conexões que fundamentam a escrita e seus efeitos científicos, descrevo uma alegoria do trabalho de campo realizado ao longo de sete anos na quebrada de Heliópolis; fator de pesquisa que foi possibilitado graças aos financiamentos da iniciação científica e do mestrado concedidos pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)³ a quem muito agradeço a todos os funcionários.

Por comodidade narrativa, utilizo nesta faixa a terceira pessoa de nosso idioma para dizer que o começo da reflexão sobre o campo de pesquisa teve início no momento que um mano teve de deixar a quebrada de Heliópolis para ingressar, por cotas raciais, na Universidade Federal de São Carlos no ano de 2011. Ali se iniciou os estudos nas ciências sociais. Com este privilégio vieram outros. Como o privilégio desse tipo de sujeito realizar uma iniciação científica financiada pela FAPESP em 2013. A possibilidade de receber para estudar, de certo modo, iniciou para o mano algum entendimento de sua quebrada que, até então, fora tratada cientificamente por fora e de longe nas disciplinas de humanidades.

O projeto de iniciação científica propôs uma etnografia sobre as relações de quebrada a partir das ideias que uma turma de baloeiros⁴ apresentou sobre a arte na quebrada de Heliópolis (GUIDOTTI, 2017; 2013). Para desenvolver a proposta da etnografia levou-se a sério o enunciado desses moradores acerca das fabulações do criar, soltar e resgatar balões não serem crime, mas sim arte. O método de coleta de dados foi um trabalho de campo na favela de Heliópolis realizado durante os períodos de férias da graduação em 2013.

3 O número do processo do meu financiamento de mestrado junto à FAPESP é: 2015/12815-4

4 Aqueles sujeitos que são enquadrados em nosso tempo como criminosos pelo artigo 42 da Lei Federal 9.605 de 1998.

Já a bolsa de estudos de mestrado concedida pela FAPESP possibilitou a realização de outro trabalho de campo, mais intensivo, em 2016; complementado por breve imersão de vinte dias em julho de 2017. A motivação deste segundo trabalho de campo recaiu sobre a aquisição do conhecimento oral dos acontecimentos passados do local. Além de permitir estudar a quebrada pela arte do balão, o primeiro trabalho de campo levantou a relevância da memória para compreender a sabedoria dos moradores e moradoras desse lugar. No entanto, dado o curto período de tempo do trabalho e limitações espaciais do local, a relevância do saber ancestral expresso pela memória na quebrada de Heliópolis só pôde ser vivenciada conscientemente a partir do retorno à quebrada para a realização do segundo trabalho de campo.

Sem cortar muito as ideias; basicamente, a pesquisa de mestrado relacionada a esta dissertação tem “características compartilhadas com muitas pesquisas antropológicas desenvolvidas no Brasil: ritmo descontínuo do trabalho de campo e visitas relativamente curtas distribuídas ao longo de amplo período de tempo” (GOLDMAN 2006: 23). Mas de qualquer modo neste caso, o caráter fragmentário do trabalho de campo e da escrita sugerem parte da luta do trabalho intelectual para que a quebrada produza “ciência social” no Brasil.

Esta dissertação abre mão de explicações e interpretações que a organização epistemológica da corrente descrição científica sobre as periferias oferece mobilizando os termos de oposições pesquisador e objeto. Com essa ligeira esquivia, a caneta passa vazada das linhas de golpes da descrição fenomenológica (de experimentar a forma que o nativo pensa o mundo) e da descrição objetivista (que tenta descrever objetivamente a forma que o nativo pensa o mundo). Portanto, nesta narrativa da quebrada não tem nativo nem antropólogo, há pessoas que pensam o mundo.

Ah, claro. Das cotas. Esta pesquisa conclui, por experiência empírica, que as implementações de ações afirmativas e cotas – raciais, de baixa renda, para pessoas da rede pública de ensino e indígenas – nos sistemas de ingresso das universidades públicas do Brasil dão certo. Porque, como no caso de estudo das quebradas em São Paulo, as cotas permitem que sujeitos, como os manos, habitem o campo de pesquisa não só como ladrões, usuários de drogas ou encarcerados carentes de compreensão e expressão social, mas, também, como produtores de conhecimentos a partir da sabedoria de suas referências.

1.5. Breve história da favela de Heliópolis e contrastes das memórias da quebrada

Quando se olha o mapa da cidade de São Paulo, encontramos o bairro de Heliópolis localizado na região sudeste e pertencente ao subdistrito do Sacomã. A área tem aproximadamente um milhão de metros quadrados. Seu limiar norte vai de encontro ao complexo viário – composto pelas avenidas Comandante Taylor, Almirante Delamare e rua das Juntas Provisórias – que faz referência à história branca do Brasil. É ali que o bairro do Ipiranga define seu limite. Pelo lado leste, a Avenida Guido Alibert, margeando o Córrego dos Meninos, demarca a fronteira com o rico município de São Caetano do Sul no ABC paulista. A

Estrada das Lágrimas e um complexo de ruas (Anny, Elias Nagem Haidamus, João Lanhoso e Vicente Gaspar) delineiam, respectivamente, as divisões topológicas dos lados oeste e sul que, por contrastes separam e unem a favela de Heliópolis ao bairro de São João Clímaco.

Definir quantas pessoas moram atualmente em Heliópolis, segundo dados oficiais, é uma tarefa complexa. Existem fortes dissonâncias quando comparados os dados dos órgãos de governo e dados “contra mapeados” (MORAWSKA, 2017)⁵ pelas lideranças locais da UNAS. Segundo dados publicados pelo IBGE, no censo de 2010, a população total dessa parte da quebrada é de 41.118 pessoas. As lideranças da UNAS, no entanto, trabalham com números que variam entre 125 mil e 200 mil habitantes dependendo do recorte de dados – como Santis expõe (2014: 31).

Com o auxílio de estudos que abordam a história das favelas da cidade (BONDUKI, 2004; PAULINO, 2007; SACHS, 1999), verificamos que os contrastes entre narrativas oficiais não param por aí. Antigos gestores se vangloriaram porque a cidade de São Paulo manteve até a segunda metade do século XX “seu caráter de metrópole brasileira sem favelas” (SACHS, 1999: 85); mesmo que existissem registros que datam das décadas de 1940 e 1950 acerca de favelas presentes, há uma cota de tempo, em São Paulo (TASCHNER, 2001: 09).

Seguindo a argumentação de Bonduki (2004), que consulta o Cadastro de Favelas do Município realizado pela extinta Secretaria do Bem-Estar Social em 1973, somente a partir da década de 1970 as favelas foram notadas pelos governantes. Por conta dos altos índices de empobrecimento, escassez de lotes e especulação imobiliária, a população favelada chegou a representar cerca 1,6% da população geral do município nessa época (BONDUNKI, 2004: 305). Para Manuel, liderança da UNAS, o interesse dos antigos gestores está inserido em processos políticos que definiram a atual conformação da cidade, “porque a favela é problema para o rico quando os barracos se opõem aos condomínios fechados”. A história de habitação da região que a UNAS assume como oficial reforça o sentido dessa fala de Manuel.

Boa parte da área onde se ergueu a favela de Heliópolis pertencia à família do Conde Sílvio Soares Álvares Penteado, proprietário do Sítio Heliópolis – Moinho Velho. Em duas décadas, de 1920 a 1940, a região foi povoada por pessoas que vinham trabalhar como empregados na propriedade do Conde. Em 1943 a área foi

5 Em reflexão radical, Morawska propõe levar à diante as reflexões da filósofa Judith Butler sobre a hierarquia da dor e luto público (BLUTER, 2006) ao tratar das Mães da Saudade; um coletivo de mães nascido no seio de uma organização tradicional do bairro de Peixinhos (Recife – PE) – o Grupo Comunidade Assumindo sua Crianças (CCASC) –, que desde de 2011 itera pública e coletivamente o obituário de seus filhos e parentes finados em decorrência de morte violentas. A autora analisa, balizando suas reflexões pela discussão de Butler, a potência política desse grupo de mães na realização de atos públicos esporádicos e que recentemente tentou a produzir estatísticas alternativas às oficiais que fundamentam mapas de violência sobre as famílias de meninos assassinados ou presos em Recife. Contra o júbilo das políticas públicas que mais uma vez apagava o que pensavam e sentiam as mulheres e seus filhos tidos como pobres, os jovens do Grupo Comunidade se empenharam em produzir números concorrentes ao do governo estadual tomando por base as casas de Peixinhos a partir da enumeração de pessoas que foram assassinadas por forças militares ou cívicas (MORAWSKA, 2017: 56).

comprada pelo Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários que pretendia construir casas para seus associados. Entretanto, como a empreitada nunca saiu do estágio de projeto, pessoas da região, compreendendo o espaço como ocioso, o “ocuparam” e “invadiram”, como me contou dona Lazara, senhora preta velha que viu “o mato de Heliópolis virar barraco e depois casa de gente”.

Em 1966 a terra foi objeto de jurisprudência e passou a ser administrada pelo Instituto de Administração Financeira da Previdência e Assistência Social – IAPAS. O IAPAS vendeu parte do terreno à empresa Petrobras e iniciou as obras para construir o prédio do Hospital do Heliópolis. Os funcionários das obras ficaram na região, morando em alojamentos construídos pelo IAPAS, de modo que a densidade populacional da área atingiu dimensões consideráveis – conforme recordou dona Porcina, “mulher comum”, sem vinculação direta com a UNAS, mas que, segundo ela, carrega o “orgulho de lutar pela paz e amor ao ser a dona do primeiro bar de sapatão da favela e dele tirar o sustento da família há mais de trinta anos”.

Em 1971, a prefeitura de São Paulo, sob gestão de José Carlos de Figueiredo Ferraz, deslocou 153 famílias da favela da Vila Prudente, zona leste de São Paulo, com destino ao Heliópolis. A justificativa da prefeitura para a remoção foi a construção dos anéis viários que atualmente cruzam o rio Tamanduateí, na região da Vila Prudente, zona leste de São Paulo. Segundo Cleide, presidente da UNAS durante meu campo de pesquisa e uma das inúmeras crianças que em 1971 acompanharam suas respectivas famílias no referido deslocamento, “os novos moradores foram abrigados em alojamentos precários denominados como provisórios pela prefeitura, enquanto não se iniciava as construções das casas prometidas a esse povo que viria a ser de Heliópolis”.

No entanto, o discurso dos governantes se alterou ao cabo do tempo, e os moradores, ainda tidos como provisórios, reivindicaram o que havia sido prometido. Em contrapartida, a prefeitura ofereceu moradias em outras regiões, mais afastadas do centro da cidade como Guaianazes no extremo leste do município de São Paulo. Para Cleide, a mudança de plano dos governantes “foi porque os pobres não podem ficar no centro [do município]. Aqui [em Heliópolis] começou já a ficar centro, aqui começou a ficar uma área extremamente valorizada [...]. Teve ação de despejo, aí a gente lutou para a prefeitura ter coragem de comprar essa área para ser nossa, porque aqui era para ser um shopping”.

Em 1978, sob gestão do prefeito Olavo Setubal, a prefeitura de São Paulo mobilizou um novo deslocamento de famílias para Heliópolis. Sessenta famílias da extinta favela do Vergueiro foram trazidas para novas moradias, que também deveriam ser provisórias e se tornaram permanentes. A remoção da favela do Vergueiro contribuiu com o projeto urbanístico que transformou a Chácara Klabin, local da extinta favela, num dos metros quadrados mais caros de São Paulo, ainda segundo Cleide.

Para além desses deslocamentos, Nêgo Robson – “um mano simples que luta pela liberdade da quebrada de Heliópolis e dono de uma empresa de segurança comercial”, como ele se define –, relatou, durante o campo de pesquisa, que no final dos anos de 1970 milhares de pessoas, como ele e sua “coroa”, chegaram ao Heliópolis por conta própria ou convidados por parentes. Migrantes, em sua maioria da Região Nordeste do Brasil e norte de Minas Gerais, vieram para morar perto do Hospital do Heliópolis ou em regiões que correm ao longo da Estrada das Lágrimas até o bairro de São João Clímaco:

As pessoas encontraram na região do Heliópolis a oportunidade que precisavam na luta pela casa própria ou de morar perto do centro de São Paulo e do ABC paulista. Era onde haviam empregos no setor industrial na época, por isso ficamos aqui [...]. Essa favela é Brasil jão, foi erguida pelo imigrante[...]; preto, nordestino, baiano, pernambucano, tudo isso e mais um pouco, até índio se procurar tem na favela [...]. Aqui era uma grande mata verde, parecia antes uma fazenda crescida. Tinha descampados e minas d'águas. Existiam vários campos de futebol, o pessoal apostava corrida com carros; soltava-se balões e aconteciam até treinamentos do Tiro de Guerra do Exército Nacional.

Com a reflexão cada vez mais atenta ao que as pessoas da quebrada poderiam relatar sobre si mesmas para montar uma história e introduzir minha pesquisa na questão da quebrada de Heliópolis, compreendi que o conhecimento que baseia a narrativa oficial da UNAS tem como núcleo as memórias de acontecimentos passados que ocorreram na região. Em campo, a memória se configurou como uma modalidade de luta para as pessoas dessa quebrada, como ajuda a compreender o manifesto encontrado no site da UNAS:

A memória é a base do conhecimento. Por meio dela podemos aprender como existir. Ela é a seleção de saberes, exigências, sensações, emoções e sentimentos que as pessoas escolhem guardar. É aquilo que define a identidade dos indivíduos e dos grupos sociais. A valorização das histórias de vidas das pessoas, contadas por elas mesmas, resume os princípios do fazer histórico que defendemos. Acreditamos que todo sujeito tem história e que toda história tem valor. E, por ter valor, toda história merece ser preservada para futuras gerações⁶

Munido desse quadro de dados, a questão que se convidava a ser pensada era compreender os contrastes entre os discursos oficiais da UNAS e dos governantes de São Paulo, de modo a analisar as respectivas compreensões históricas da favela para dissertar sobre os enquadros que os favelados costumam passar sob as letras que caem dos bicos de penas acadêmicas. Como bibliografia, a inspiração antropológica revelou pertinência em aproximar, teoricamente, a discussão dos povos tradicionais do Brasil à quebrada de Heliópolis, porque o estudo em antropologia social ensina que a definição da categoria povos tradicionais – indígenas, ribeirinhos, quilombolas e povos de terreiro; entre outros – foi muito debatida no seio da problemática ambiental para a criação de unidades de conservação de determinadas áreas sob diligência do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (IBAMA), para dar conta dos interesses das comunidades tradicionais ali residentes. Conhecendo trabalhos etnográficos com populações tradicionais (ALVES, 2016; MOURTHÉ, 2015), compreendi a importância que esses grupos dão à memória, já que para uma comunidade ser reconhecida como tradicional é um processo complexo e que demanda muita luta dos envolvidos para que sejam considerados como pertencentes a “territórios de resistência que têm assegurado, em alguma medida, liberdade e autonomia na reprodução dos modos de fazer, criar e viver” (COSTA FILHO, 2016). Ademais, semelhante à quebrada de

6 <https://www.unas.org.br/memorias>. Último acesso em 05/08/2017.

Heliópolis, esses povos, por suas singularidades, obtêm, por meio da memória, meios para “apreender como existir” e garantirem o reconhecimento de suas práticas cotidianas de existência, modos de vida e consolidação de territórios.

Em suma, percebi ser muito comum escrever sobre as comunidades tradicionais em zonas ambientais, no entanto, incomum levar a sério as comunidades tradicionais de zonas urbanas em seus próprios termos. Obviamente, com esta proposta, não estaria em foco justapor, num mesmo regime, as comunidades e obliterar suas diferenças. O objetivo era puramente antropológico no valer de dados etnográficos e ferramentas teóricas oferecidas como alternativas aos conceitos de sociedade (LATOURET, 2005; STRATHERN, 1996; TOREN, 1996), cultura (ABU-LOGHOD, 1991; INGOLD, 2011; SAHLINS, 1997; WAGNER, 2009), raça (GILROY, 2001, MBEMBÉ, 2014), natureza e meio ambiente (INGOLD, 2011) para interpelar a questão a partir da quebrada de Heliópolis.

No entanto, é necessário correr pelo certo e expor que o controle da escrita, exercido pelos meus dados de campo, demandou o recuo deste escopo teórico e alcance político que, pretensiosamente, propus de início à dissertação de mestrado. Visto que na etapa de sistematização dos dados de campo, lembrei que de rolê, como se diz pela quebrada de Heliópolis, à procura da borracharia de seu Alvino, tive meus pressupostos questionados por Charles, um “pretinho” com mochila nas costas que parecia ir à escola quando o trombei pelas ruas de Heliópolis.

Para discorrer sobre o encontro com Charles, antes é preciso dizer que eu caminhava pela região e já tinha passado pela rua da Alegria Popular, rua Unificação de Heliópolis, rua União, rua da Luta Popular e não localizei a rua Silvia; endereço da borracharia de Alvino dado a mim por Nêgo Robson. Com apenas alguns referenciais e perdido, decidi pedir informação para melhor me localizar. Foram nessas circunstâncias que aconteceu o encontro com Charles e o seguinte diálogo:

Eu – Oh, menino, boa tarde, tudo bem? Como você se chama?

Menino – Charles.

Eu – Firmeza Charles, deixa eu te perguntar uma coisa? Charles – Fala aí tio.

Eu – Você sabe onde fica a rua Silvia?

Charles – É essa aí bem em frente, só virar à esquerda que você está nela.

Eu [apontando para a visível placa do logradouro] – Mas é outro nome ali na placa, é por isso que eu estava perdido.

Charles – É, mas para a gente que mora aqui, essa é a rua Silvia. Mudaram de nome, mas ainda é a rua Silvia para muita gente.

Eu – É que estou procurando a borracharia do seu Alvino para conversar com ele, fazer uma entrevista e não frequento muito esses lados do Copa Rio [região da favela de Heliópolis].

Retomei minha caminhada e Charles a dele depois desse breve diálogo.

1.6. Escrita entre contrastes na quebrada

Após pesquisar meticulosa e minuciosamente as possibilidades de transitar entre em diferentes contextos da quebrada de Heliópolis e da Universidade, entendi que existem muitas versões para um mesmo evento passado no mundo (VEYNE, 1978)⁷; portanto, não almejo estabelecer uma verdade indiscutível com o que produzo. A proposta é “mostrar o que apreendi” (CRUZ; FRANCO; PQD, 1987) para subsidiar o início de delimitada reflexão sobre a minha quebrada.

Durante a sistematização dos dados adquiridos no trabalho de campo, constatei divergentes narrativas acerca do passado na quebrada de Heliópolis. Era somente comparar narrativas de duas pessoas sobre o mesmo acontecimento que ambas eram distintas e me davam contrastes difíceis de serem resolvidos no momento da escrita. Até aí nada de novo, pois, Janet Castern (2007) e Sophie Day já sugeriram ao campo antropológico as dificuldades para compreender em sequência coerente o passado narrado em biografias pessoais. Mas de todo modo, com os contrastes dos meus dados, obtive a constatação da necessidade de minha escrita ser o efeito dos contrastes que lhe desafia.

O estudo de teorias etnográficas me serviu de bordão e refúgio. Na leitura de Goldman (2006) e Magnani (1986) entendi que, desde Malinowski, em 1916, existe a crítica do “insustentável pressuposto de existência de uma opinião nativa” e que “é justamente a diversidade de opiniões que permite ao etnógrafo reconstruir” (GOLDMAN, 2006: 25) o campo de pesquisa e tornar visíveis seus fatos. Ainda acompanhando Goldman, considero esta escrita, fundamentada pelo trabalho de campo, uma atividade construtiva e criativa, uma “entredção”, já que:

O etnógrafo deve articular os diferentes discursos e práticas parciais (no duplo sentido da palavra, parcelares e interessadas) que observa, sem jamais atingir nenhum tipo de totalização ou síntese completa. Tudo se passa um pouco como na história relatada em alguma parte por Malinowski. Em Trobriand, diferentes fórmulas mágicas familiares trobriandesas são propriedades de distintas famílias, e cada uma possui um número limitado destas fórmulas. Acontece que, por dever do ofício, o antropólogo deve coletar o maior número possível destas, o que nesse caso, fez de Malinowski o maior proprietário individual de fórmulas mágicas das ilhas. Isso não significa grande coisa, claro, uma vez que o importante é ter uma fórmula que os outros não tenham, o que, evidentemente, não podia acontecer com o antropólogo. De toda forma, é sempre assim que as coisas se dão no campo: nosso saber é diferente daquele dos [nossos aliados], não por ser mais objetivo, totalizante ou verdadeiro, mas simplesmente porque decidimos a priori conferir a todas as histórias que escutamos o mesmo valor. (GOLDMAN, 2006: 25).

7 “Esse limite”, segundo Veyne, “é o seguinte: em nenhum caso, o que os historiadores chamam evento é apreendido de uma maneira direta e completa, mas, sempre, incompleta literalmente, por documentos ou testemunhos, ou seja, por tekmeria, por indícios”. Desse modo ainda que o historiador “tivesse sido contemporâneo e testemunha de Waterloo, ainda que tivesse sido seu principal ator, Napoleão em pessoa, teria sido apenas uma perspectiva sobre o que os historiadores chamarão o evento Waterloo”; só poderia deixar para a posteridade o seu “depoimento que, se chegasse até ela, seria chamado de indício” (VEYNE, 1978: 18).

Como a respectiva tarefa criativa desta pesquisa, de desdobrar na escrita objetos dados em contratos, habita a região do conhecimento humano denominada antropologia, foi necessário inventar estratégias e métodos para não ramelar na descrição. Para isso, acompanhei a ideia de Peixoto que define a etnografia como gênero literário (PEIXOTO, 2015); e, nos próprios dados de campo, procurei analogias (ou metáforas)⁸ que estabelecessem relações de transições entre os diferentes domínios da experiência da quebrada de Heliópolis e das teorias da Universidade.

1.7. Rolê teórico

A mocidade de S. Paulo é a mocidade: alegre, folgazã; mas tudo, na medida conveniente, sem excitar graves receios pelos costumes públicos. É uma mocidade inteligente, estudiosa, laboriosa [...]. Nessas associações a mocidade estuda, apreende, aperfeiçoa-se, estabelece o exemplo, anima os menos laboriosos ou menos audazes; em suma, cria esses grandes núcleos de que têm saído tantas e tão vastas inteligências [...]. Se a mocidade, nos lazeres desses trabalhos literários e científicos, se mostra ardente e alegre, deixa-a ilustre ancião; é a mocidade, é a esperança, é o futuro... (MACHADO DE ASSIS, Rio de Janeiro, 14 de agosto de 1864).

O esforço de conceituação teórica de rolê, pelos termos da quebrada, tem início em um sábado, dia 19 de março de 2016. Nesse dia, Saulo – um primo que me acompanhou em algumas situações durante o tempo que voltei a morar na quebrada –, sentado no banco do passageiro do carro que estamos, observa e entra em seu próprio reflexo pelo retrovisor. Cabelo estilo “escovinha”, cavanhaque de bigode fino, cordão de ouro com a imagem de São Jorge pendurado ao pescoço, camisa do time do Santos, pele negra, bermuda jeans e tênis Adidas, último modelo da moda.

O mano coloca sua “lupa da Juliet” (modelo de óculos da marca Oakley) e sai de seu reflexo. Dá um gole na latinha de cerveja, aumenta o volume do aparelho de rádio para concluir um debate que travávamos: “você tá ligado que desde pivete o rolê é fundamental para gente. É acontecimento, tá ligado? Falando nisso, vamos encostar naquele jogo lá, aí você já faz o seu trabalho pá e bola”.

Nosso destino? O famoso campo de várzea do Flor de São João Clímaco. Tradicional time de futebol de São Paulo que tem sua sede na Vila Arapuá, bairro vizinho ao Heliópolis. Lá acontece, todo ano, no domingo que antecede o natal, o Jogo do Preto Contra Branco. Festa que reúne torcedores e boleiros divididos em dois times; divisão baseada, inicialmente,

⁸ Dado que na língua portuguesa ambas figuras de linguagem servem de retórica quando a significação habitual de uma dada palavra é substituída por outra, só aplicável por comparação subtendida. Ou como ensinou Toninho Maloca no campo de pesquisa: “os versadores das quebradas usam da arte da metáfora; de blefar com o curinga na mão”.

no tom de cor da pele dos jogadores: “um time só de pretos e outro só de brancos, tudo para saber quem é melhor, se é branco ou preto” – definiu Saulo.

Antes de “encostar naquele jogo lá” do campo do Flor, é preciso parar e compreender que pela minha caminhada na quebrada de Heliópolis, o rolê é um acontecimento fundamental para quem é da quebrada. E, retomados os ensinamentos tirados dos textos de Pereira (2017; 2005) sobre práticas culturais juvenis associadas ao tempo livre, entendemos que para boa parte dos jovens paulistanos fazer um rolê significa dar uma volta, sair para se divertir num bar ou danceteria, mas, para algumas das juventudes das quebradas de São Paulo – seja a das antigas que ia aos bailes blacks, os skatistas, a rapaziada do rap, pixadores, os baloeiros e o fluxo do funk – estar de rolê apresenta outras ideias e significados. Por exemplo, entre os pixadores estudados por Pereira:

Fazer um rolê significa sair para pixar pela cidade. Ao se referir ao ato de pixar como rolê, estes jovens passam a ideia de andar pela cidade, deixando nos lugares por onde se passou sua marca estampada. É como se estivessem dizendo “eu estive aqui”. Não é por acaso que quanto mais longe um pixador for e deixar sua marca, mais ele conseguirá respeito e reconhecimento entre seus pares e será considerado um pixador que tem rolê (Pereira 2005: 53).

A partir desses elementos, crio uma composição teórica para definir que é de rolê que jovens das quebradas conhecem São Paulo pelas belezas e contradições que a cidade pode oferecer. De rolê a molecada das quebradas entende que cada lugar tem seu ritmo e sua sintonia. De rolê vão a bailes, pistas de skate, shows, oficinas e aulas de rap, soltam balões, dançam e curtem ao som das batidas de funk, por exemplo.

Entretanto, é preciso conceituar que aquele(a) que “tá de rolê” não se desloca simplesmente de um ponto estabelecido a outro, o caminho é tão importante quanto o destino final. A caminhada é o meio para entender que o tom de cor da pele, roupas e maneira de se expressar influenciam nos modos e tratamentos que pessoas desconhecidas – geralmente fardadas, com ternos valiosos, camisas polo play e vestidos caros – podem oferecer à priori. Mas é também pela caminhada, de rolê, que se improvisa, apreende atalhos, pula catracas; cria-se estratégias para habitar a cidade, tirar algum lazer, sorrir, namorar, conhecer novas ideias e espaços. Em outros termos, o rolê proporciona ritmos que – como o “ritornelo”, conceito trabalhado filosoficamente por Deleuze e Guatarri (2012: 132), ou melhor, à maneira de uma rima criada por Sabotage – permitem experimentações de cadências, intensidades, rimas, versos e crônicas para a expressão de acontecimentos da cidade. Acontecimentos tipo o rolê no campo do Flor de São João Clímaco que agora volto a descrever.

1.8. De rolê pela quebrada

Pela volta das páginas dá para se ligar que o mês desse rolê ainda é março, portanto, a festa da ocasião não é o Preto Contra Branco, mas é outra de tamanha importância para os membros do time do Flor de São João Clímaco, pois há exatos 64 anos desse nosso rolê o time do Flor era fundado. O melhor caminho para o campo é a Estrada das Lágrimas que está lotada. Uma multidão circula nas calçadas. Velhos, mulheres e crianças efetuam diferentes direções de modo ritmado – como se escutassem as cadências do som de Jorge Ben que toca no aparelho sonoro de nosso carro. O trânsito dos carros é lento. Já as motocicletas são mais ligeiras. Aceleram e passam no corredor formado entre as duas linhas paralelas de automóveis. O asfalto quente do final da manhã aumenta a sensação térmica de calor. As cores são vivas. Intensidades que me fazem sentir novamente parte dessa quebrada que, a fim de estudar antropologia no interior de São Paulo, tinha deixado há cinco anos. O interesse por antropologia e a integração com a quebrada de Heliópolis me colocam numa posição específica. Não há como resistir, sou um mero observador.

Na posição de piloto do toque de nosso carro e rolê, observo as calçadas de ambos os lados da Estrada, passando em frente ao banco do Bradesco, de cara para a favela do Heliópolis, canto o inevitável verso da música “Da Ponte Pra Cá”, do grupo de rap Racionais MC’s (2002): “Hey truta tô loko, tô vendo miragem, um Bradesco bem em frente à favela é viagem” – como ironiza o rapper Ice Blue na canção. Mas confesso que “viagem” mesmo é conceber que, há quarenta anos, seria inimaginável, até para o mais visionário morador ou moradora, que a favela de Heliópolis seria o que é hoje; “uma metrópole em outra metrópole”, como definiu meu mano Robson.

A Estrada das Lágrimas originalmente recebeu esse nome porque nela se localiza a Figueira das Lágrimas. Segundo histórias que contam aos alunos das escolas da região, no Brasil do Regime Imperial, aquele dos escritos de Machado de Assis, esta árvore foi o ponto de encontro dos soldados que partiram rumo à Guerra do Paraguai e, que por isso, testemunhou, sob suas folhas, inúmeras lágrimas de mães angustiadas, pais aflitos e esposas temerosas. Mas agora a cena é completamente outra. A analogia de Robson acerca do Heliópolis ser “metrópole” é eficaz para enaltecer o ativo comércio da via bem em frente à favela com supermercados de pequenos e grandes redes do ramo, Casas Bahia, lojas menores de eletrodomésticos, grandes açougues, lojas de um real e até um shopping center de lojas que vendem produtos de grife. É na Estrada das Lágrimas que se encontra o CEU Heliópolis (Centro Educacional Unificado) que congrega uma escola, creche, teatro, biblioteca, telecentro, espaços para lazer e uma ETEC

(Escola Técnica Estadual). Ainda na Estrada há outras escolas de ensino fundamental e médio, o Instituto Baccarelli que ensina música clássica aos alunos e uma UBS (Unidade Básica de Saúde). Pontos de ensino, lazer, atendimento e comércio dessa “metrópole” que são motivos de orgulho e sorrisos dos homens e mulheres de Heliópolis. Tanto que estes moradores lutaram, frente a gestores, políticos e autoridades de São Paulo, para o lugar ser reconhecido pela categoria de “bairro Educador de Heliópolis”; um êxito de organização e ação social do lugar – como descreve Santis (2014).

Agora, saímos da Estrada e entramos na favela do Heliópolis, num giro ligeiro para comprar um maço de cigarros para Saulo. Uma relação intensa entre o passado e o presente da quebrada começa a se insinuar aos olhos do observador. A sensação é de contração entre os dois regimes, como se acompanhassem os estreitamentos das dimensões das ruas e vielas de dentro da favela. Nessa parte da quebrada também se vê um relevante comércio com imobiliárias, agências de viagens (agenciando principalmente viagens para o Nordeste), lan houses, mercadinhos, barbearias, salões de beleza, outros tantos bares, lanchonetes como o Mec Favela, casas do norte, padarias, pequenos açougues e lojas de celular.

Jogo rápido. Paramos no Copa Rio. Lugar famoso, entre outros motivos, por ter abrigado o último dos campos de futebol da favela. Quem é da quebrada do Heliópolis e ligado ao futebol, como os jogadores do Flor, lembra, de forma recorrente, que a área do Heliópolis foi um vasto descampado com vinte e dois campos de futebol. A memória acompanha o entendimento, adquirido com o passar do tempo, de que a “luta por terra” foi o que deu o tom da paisagem na quebrada nos últimos quarenta anos. “Campos invadidos, casas e barracos construídos”, foi o que aprendi com os boleiros. No início dos anos noventa foi a vez do campo do Copa. “Todos os campos se foram, mas suas lembranças ainda estão aí. Isso é para ser lembrado, não há como esquecer, o futebol separa e une as pessoas da região, essa é a mística” – como refletiu seu Wilson, o Pneu, amigo de meu pai, que muito contribuiu com esta pesquisa e que me faz retornar à descrição do nosso rolê para apresentá-lo.

1.9. Dia de festa de pretos e brancos

Vamô que vamô que agora é sem paradas”; foi o que disse Saulo ao voltar, com o cigarro na mão, para o nosso carro. Um pouco de fumaça para alto e logo chegamos ao campo. Da vaga do estacionamento já escutamos a harmonia do cavaquinho, violão e o ritmo dos instrumentos de percussão. É a roda de samba que contagia a festa do Flor. Dentro do campo, rola um dos jogos comemorativos programados para as categorias do time de São

João Clímaco. Conforme a programação a sintonia é um jogo para o primeiro quadro (no qual jogam os jogadores de melhor forma), outro para o segundo quadro (de bons jogadores que por qualquer motivo não estão no primeiro quadro) e, pro fim, o jogo do sucatão (categoria de veteranos e jogadores cujas pernas não acompanham a habilidade). Fogos de artifício são disparados e estouram no céu. É o pipoco que avisa à quebrada de Heliópolis que o Flor de São João Clímaco está em festa.

No desenrolar desse rolê aprendi e participei da celebração da amizade na quebrada junto dos boleiros do Flor de São João Clímaco. A pessoa que me convidou para a festa que articulou nosso rolê foi o seu Wilson, ou o vulgo Pneu. Pneu é um senhor conhecedor da sutil sabedoria necessária para que um “negro lindo” envelheça em paz na quebrada. Como respeito e homenagem a esse senhor eu transmito algumas ideias de sua sabedoria do que é o preto contra branco na quebrada de Heliópolis.

Antes fazíamos nos campos lá do Heliópolis o jogo dos casados contra os solteiros. Nessa época o Flor de São João Clímaco era um time muito temido pelos adversários, o elenco do time era composto por jogadores muito habilidosos [...]. Num jogo do casado contra solteiro, o finado Típiu provocou o finado Zé Lauro. Típiu sugeriu que o time do Flor era fora de série por conta dos jogadores pretos. Disse que os pretos eram melhores que os brancos em tudo que faziam. Zé Lauro se sentiu provocado [...]. Os dois se desafiaram durante um tempo. Aí para resolver a questão, os jogadores do Flor decidiram se dividir entre pretos e brancos para jogar futebol. Decidir em campo quem era melhor. Dessa diferença começou uma das maiores festas do futebol de várzea. Mas tudo sempre em nome da amizade. No começo todos eram unidos, hoje isso tem que ser mantido [...]. Vêm gente de Heliópolis, São João Clímaco, Jardim Patente e tantos outros lugares para jogar aqui no Preto Contra Branco. Não é racismo, é um jeito de ver quem é melhor. Dentro das quatro linhas todos são iguais, pode ganhar qualquer um, mas aqui fora é a paz e a amizade que prevalece. O intuito é a paz e a amizade, por isso arrecadamos alimentos para as famílias da região que estão precisando de uma ajuda. Tudo pela amizade. No dia do jogo é bagunçado, é bagunça até para saber quem é preto e quem é branco. Porque a gente sabe como é o racismo, mas no dia do jogo tem preto que vira branco e branco que vira preto. Você é bom de bola? Joga bem futebol? [Respondi negativamente] Não? Se você fosse bom de bola com essa cor aí mais ou menos [pardo] poderia jogar nos dois times. Você e quem assiste que ia decidir. Você tem que ver o que você é e a torcida vê se você é negão ou branco. Aí também depende se você é bom de bola igual preto ou se joga bola igual branco. São os camaleões, os café com leite. É preto que é branco e branco que é preto. Tá no meio. Você tem que dizer o que sente e representar o que é. Ser mais ou menos preto é questão de se colocar no mundo. Essa é a mensagem da amizade, independente se é preto ou branco os prazeres e respeito da união é o que deve prevalecer.

1. 10. Campos e barracos (em memória de seu Gabizinho e da velha guarda do Flor)

Quando Pneu apresentou Saulo e eu ao seu Gabizinho, este deduziu que éramos jogadores; “os dois são altos, zagueiros? Vão jogar no Flor?”, perguntou. Pneu respondeu que eu estava fazendo uma matéria para a faculdade. Aproveitei a deixa e expliquei que na verdade meu foco era a busca de inspiração para descrever e transmitir em forma de narrativa a sabedoria da quebrada de Heliópolis, por isso era interessante ouvir as pessoas mais antigas

da região. “Por exemplo, entender como a favela do Heliópolis surgiu”, foi o que eu disse ao que me lembro bem.

Gabizinho prontamente respondeu que não tinha muito lá o que falar sobre a favela, já que morou em São João Clímaco quase toda sua vida, ainda pontuou que: “favela é favela e São João Clímaco é São João Clímaco, são coisas diferentes”. Porém, pensou um pouco e sentenciou que somente poderia dizer que, onde hoje é a favela, antigamente existiam vários campos de futebol.

Pneu me olhou com um sorriso, sabia que o seu Gabizinho tinha muita coisa para lembrar. Depois falou que sua missão estava cumprida e que iria nos deixar conversando. Caminhou até as arquibancadas do campo do Flor, lá sentou e ficou assistindo ao jogo que acontecia. Me voltei para Gabizinho. Este enfiou a mão no bolso de sua calça e tirou uma velha fotografia em preto e branco, com algumas marcas de dobras e outras da ação do tempo. Disse de forma refinada, “essa aqui é a primeira foto do Flor de São João Clímaco, olha eu e meu irmão aqui”.

O antigo jogador pediu para que eu segurasse a fotografia nas mãos para observar melhor. Assim fiz. Contemplei um bonito registro de oito jovens – a maioria negros e pardos, somente alguns com traços brancos –, ainda adolescentes, agachados em volta de uma bola de futebol e com o mesmo uniforme que estampa uma rosa, a flor de São João Clímaco, no peito. Gabizinho me disse que o retrato datava de 1953 e foi tirado no campo do Floresta, um dos inúmeros campos que existiam ao lado da Estrada das Lágrimas. O velho senhor sorriu, constatou que não se lembrava mais daquilo que tinha acontecido no jogo que a foto foi tirada, mas se lembrava perfeitamente da última vez que Flor jogou no campo do Floresta.

Saulo, que tinha ido até ao balcão do bar do campo para comprar uma cerveja, chegou a tempo de acompanhar na íntegra a narração da memória de seu Gabizinho. Com uma voz de entonação serena, tranquila e obstinada, o octogenário narrador nos conduziu para o ano de 1979. Mais especificamente, a uma certa manhã de domingo, da qual o velho narrador não se lembrou da data em números exatos; “pouco importa e escuta aí”, foi o que disse.

O Flor de São João Clímaco, time sensação da região na época, ia jogar contra o temido parque da Mooca. Os dois times cultivavam nos últimos tempos uma grande rivalidade e as conversas, nos bares da época, atestavam expectativa de alto nível da partida daquele final de semana. Naquele domingo, na concentração do Flor – um dos dois bancos de madeira justapostos numa das laterais do campo –, o finado Típiu preparava os uniformes de seu time

sem deixar de pensar em nenhum momento no retrospecto do atacante que ele tinha a incumbência de marcar, pois: “em cada cinco bolas que sobravam dentro da área, ao menos, duas iam para a caixa” – rememorou Gabizinho. Logo começaram a chegar no campo os jovens jogadores do time de São João Clímaco. Sentados um ao lado do outro no banco de reservas e calçando suas chuteiras, pouco se falou e a perene seriedade deu o tom da preleção.

Para seu Gabizinho não era à toa que os adversários definiam o time do Flor como “uma molecada abusada com a bola nos pés”. As posições do meio de campo ao ataque eram ocupadas por jogadores habilidosos que faziam maravilhas dentro das quatro linhas; jogadores como Zé Lito, Zé Pretinho, Celsinho e Wilsinho; “este último quem o viu jogar presenciou a passagem de um deus da bola nos campos da terra” - enalteceu Gabizinho ao lembrar de seu antigo parceiro. A defesa era bem composta, nela estava Típiu. “Com certeza um dos melhores beques da várzea de São Paulo na época”. As metas eram guardadas pelo ótimo goleiro Berto, que ostentava uma fama por dois motivos; “o primeiro porque jogava de óculos de grau, o segundo, não menos importante, porque fechava o gol a ponto de não deixar passar nem um voleio à queima roupa de Serginho Chulapa” – lance que ocorreu, segundo conta Gabizinho, quando o centroavante, nome certo para a Copa do Mundo de 1978, estava suspenso do futebol profissional e chegou a jogar alguns jogos pelo Vasco da Casa Verde.

Um time de talentos como esse mobilizava a cada jogo mais e mais torcedores, o que aumentava o status de time sensação. A molecada encantava aos olhos dos amantes do futebol. Era uma mística parecida com a de um famoso time de uma “Vila” da Baixada Paulista, também conhecido por compor esquadrões só com jovens jogadores revelados por suas categorias de base. No entanto, nem mesmo essa mística diminuiu a tensão do jogo para os boleiros do Flor, isso porque o Flor fora derrotado por 3 x 1 no último embate contra o Parque da Mooca. Partida que aconteceu na casa do adversário. Para potencializar a tensão, dias antes da partida, o Parque ameaçou não jogar caso o segundo confronto acontecesse em algum campo da região do bairro do Flor de São João Clímaco; “porque o time do Flor intimidava e os adversários sabiam que o pau quebrava em São João Clímaco”; ressaltou Gabizinho sorrindo. Para o jogo acontecer, Valdir, presidente do Flor, e o presidente do Parque fizeram o seguinte acordo reproduzido nas palavras de Gabizinho: “o campo do jogo é em São João Clímaco, mas o árbitro vai ser alguém da Mooca”. A pessoa escolhida para apitar o jogo foi um antigo vereador que fazia questão de deixar seu revólver na cintura sempre à mostra.

Quando o jovem time do Flor já estava no terrão do campo, veio a surpresa. Ao pisarem em campo, os onze jogadores do Parque da Mooca, direção, jogadores e torcida do Flor perceberam que no elenco adversário tinham três jogadores profissionais, um do time do Corinthians e dois do Palmeiras. Sinal de que o jogo seria difícil para a molecada do Flor. “Mesmo assim o Flor foi para cima”, ostentou Gabizinho. Logo nos primeiros minutos de bola rolando o time de São João Clímaco marca um a zero no placar. Ainda no primeiro tempo, o Parque empatou em um a um. No segundo tempo, o Flor fez mais um gol, abriu vantagem e não parou por aí, o time não queria perder e marcou três a um no placar. Entretanto, mesmo com os gols de vantagem, o time do Flor não poderia diminuir o ritmo. O jogo estava equilibrado e não seria nenhuma surpresa se o Parque da Mooca igualasse o placar.

Foi quando aconteceu o derradeiro lance. O árbitro apitou e marcou um pênalti a favor do Flor de São João Clímaco. Jogadores e a torcida do Parque da Mooca foram para cima do árbitro, este puxou seu revólver e disparou para o alto. Alguns dos espectadores locais, que assistiam a partida no topo de um barranco, também sacaram suas armas e descarregaram uma saraivada de tiros sobre o campo. Aí a correria foi geral. O juiz desapareceu antes dar o apito final e decretar o fim da partida, antes mesmo de presenciar a fantástica cena de um torcedor do Flor entrar em campo a cavalo, com uma flâmula do time, decretando a vitória inacabada.

Algumas lágrimas marearam os olhos de Gabizinho, eram lágrimas de alegria acompanhadas de uma gargalhada que nos trouxe de volta à festa de sessenta e quatro anos do Flor. O velho senhor concluiu de maneira intrigante a história do último jogo no campo do Floresta, relacionando o fim dos campos como o surgimento da favela:

Passados alguns dias, não me lembro mais quantos, quando voltamos para marcar outro jogo, não tinha mais campo. No lugar os caras já tinham colocado estacas e barracos de madeira. Foi assim que os campos acabaram e a favela começou. Assim acabou o lazer de muitos para outros terem onde morar. Antes tinham dessas coisas.

Tive contato com essas ideias de Gabizinho durante a época que morei na quebrada durante o ano de 2016 recendo financiamento da FAPESP, portanto, o período que defino como meu campo de pesquisa. Posteriormente, quando retornei para a quebrada em 2017, para fazer algumas visitas e passar o dia do meu aniversário junto dos meus, trombei o frequentador do campo do Flor Edson Neguinho no Terminal Sacomã. Na ocasião esse mano me disse que seu Gabizinho havia falecido. A última vez que vi o seu Gabizinho foi no Preto Contra Branco em 2016, na festa pouco conversamos, na verdade apenas nos cumprimentamos. A correria de produzir essa dissertação me absorveu ao ponto de eu nem me dar conta do falecimento desse importante conhecedor da quebrada de Heliópolis, por isso deixo essa faixa descritiva do meu

texto simplesmente como homenagem ao velho jogador do Flor. Obrigado seu Gabizinho e a velha guarda do Flor de São João Clímaco pela transmissão da sabedoria.

1. 11. A paz contra o poder

Na volta do campo do Flor para casa, contrastei as ideias de Gabizinho com a de outras pessoas que conversei durante meu trabalho. Compreendi também que na época desse jogo, tão importante para Gabizinho, um jovem casal, formado por um operário migrante que vivia há três anos em São Paulo e uma menina que cuidava do filho de ambos em Pernambuco, decidiu sair do aluguel para viverem em paz. O jovem operário era João Miranda e a jovem mulher era Genésia. Ambos tornaram-se, ao cabo do tempo, importantes lideranças do movimento de moradores em Heliópolis.

Durante meu campo de pesquisa conversei muito com João Miranda. Numa dessas conversas, dias antes da festa de aniversário do Flor, João me fez o relato de sua chegada ao Heliópolis. Trouxe para o presente uma São Paulo totalmente diferente da atual. Cidade que apresentava grande desenvolvimento econômico, ofertas de empregos no setor industrial e intenso fluxo de migrantes provindos principalmente da região nordeste do país. No entanto, ainda eram tempos de ditadura do regime militar, de um urbanismo que espoliava cada vez mais o pobre e distribuição de renda irregular; vetores que aumentavam as dificuldades dos mais pobres na cidade.

A oportunidade do casal sair do aluguel e unir toda a família surgiu quando o jovem João trabalhava como operário numa firma no ABC paulista, nos anos de 1980. Numa grande dispensa de funcionários da firma, João Miranda foi um dos demitidos. Com o dinheiro da rescisão do contrato junto à firma, o operário comprou uma passagem e foi buscar sua esposa e filho, mas não sem antes acertar, com o Mineiro, a compra de um barraco numa região da zona sul de São Paulo que, segundo o próprio João, “não tinha nada, só um monte de campo de futebol e uma casinha aqui e outra ali”.

O barraco ficava próximo à Estrada das Lágrimas, na rua de uma mina d'água, a atual Rua da Mina. A casa era de madeira, sem encanamento e de chão de terra batida; com luz elétrica bem fraca, pois a energia era puxada por um gato feito num poste da Estrada. Para toda a família, a compra do barraco foi a materialização do sonho de todos morarem juntos na casa própria. Entretanto, o desfrute desse sonho foi mais difícil do que Genésia e João poderiam imaginar antes de pisarem na terra do Heliópolis, como me contou João:

Vixe, quando chegamos aqui tinham os grileiros que se diziam donos dessa terra com documento falso, mas, na verdade, ninguém era dono de nada. Foi tanta gente chegando aqui no final da

década de 1970 e começo dos anos 80, que os grileiros viram que iam perder a terra e para ganhar um dinheiro começaram a vender e cobrar aluguel da terra. Eu perguntava pra Genésia, como é que vamos pagar aluguel se eu comprei nossa casa pra sair do aluguel? Foi quando percebi, meu jovem, que a luta não era só minha, mas do povo! Comecei a lutar por essa terra junto do povo. Fui até chamado de agitador naqueles tempos, mas lutei, trago as marcas da luta no corpo, olha esse meu olho aqui. Tive um derrame por causa de borrachada da polícia. Lutei pelo direito de minha família e tantas outras terem onde morar!

De forma correlata e posterior ao conflito contra os grileiros, os moradores e moradoras de Heliópolis tiveram que guerrear em outra frente de batalha. Como me disse dona Maria, mineira e moradora do Heliópolis há mais de vinte anos:

Os grileiros não estavam sozinhos. Eram vistos como pessoas de bem, o pobre morador da favela que era o vilão da história. Então eles tinham a polícia como aliada, suas armas e o Judiciário emitindo ordens de despejo [...]. Canetas e armas enquadravam o pobre sem constrangimento.

A guerra contra os grileiros mostrou a importância da mobilização dos moradores enquanto comunidade para resistir na conquista pela terra. No entanto, segundo Manoel (apresentado algumas faixas acima), essa arma foi ainda mais eficaz na guerra contra o poder público, pois não se tratava de um conflito armado que se resolvia na bala, mas de um conflito da “lei contra a vida” e como me disse João Miranda, lembrando a luta de sua companheira Genésia, era com a vida que as pessoas de Heliópolis batalhavam:

Eu não me envolvi no começo nesse negócio de luta. Foi mais a Genésia que ficava em casa e via tudo acontecer. Ela quem entrou na luta pela terra primeiro. Eu entrei por causa dela, um dia colocaram o seu nome numa lista, ali na Estrada das Lágrimas, era a lista das pessoas que iam ser expulsas da favela ou que os grileiros estavam ameaçando de morte. Quando isso aconteceu, percebi que não podia deixar ela sozinha com meu filho correndo esse risco. Passado um tempo, chegou a polícia, vi dois ou três policiais levantando seus cassetetes para ela, pulei na frente, percebi que tinha de estar ao lado dela nessa batalha, ela estava dando a vida, eu tinha que dar a minha também. E não era só ela não. As mulheres sempre foram a maior força da luta no Heliópolis, as mães e as esposas. Já vi mãe de família se jogar em baixo de trator, com os filhos e tudo, para dar a vida e impedir que o barracinho deles fosse demolido, porque não iam ter onde morar.

Em decorrência dessas tretas, as pessoas se organizavam em mutirões na construção de barracos e na marcação de terrenos. Segundo João Miranda, os moradores, sabendo que no dia seguinte a polícia ia a algum lugar que poucas famílias moravam para efetuar despejos, se organizavam de madrugada para baterem estacas no chão, construírem mais barracos de madeira, cercarem a terra e assim esperar os inimigos junto das famílias ameaçadas. O mutirão era no sentido de fazer frente as autoridades, pois como me disse dona Maria: “tirar duas ou três famílias era mais fácil para eles, agora, quando juntava mais de trinta famílias, os padres e as freiras era mais difícil. As autoridades nem colocavam a mão em ninguém”.

Segundo essa rapaziada que me ajuda a pensar a quebrada de Heliópolis, uma política que era contra o pobre, destacada para mim, foi a de Paulo Maluf. No mandato de Maluf, no ano de 1996, aconteceu um trágico episódio que reacendeu toda a luta pela moradia em

Heliópolis. Alguns esqueletos de prédios do projeto Cingapura, que tiveram a obra embargada, foram ocupados por famílias que ali construíram seus barracos. No entanto, ocorreu um incêndio que resultou em mortes. O comando da prefeitura optou por promover a desocupação das zonas de risco da favela, mas os moradores decidiram se organizar e reivindicar as mortes do desastre, além de casas para as famílias que moravam nos esqueletos dos prédios. O chicote estralou nesse acontecimento, mas os moradores conseguiram obter mais ou menos a paz para as famílias que eram contra esses poderes municipais.

1. 12. Ladrões e justiceiros

Outros sujeitos da quebrada que tive o privilégio de aprender com sua sabedoria foram os nêgo véios que trombei. Segundo esses interlocutores, a década de 1980 foi uma época muito difícil para ser jovem preto nas periferias de São Paulo. Fora dos locais onde os jovens moravam, havia o preconceito refletido na escassez de empregos e abundâncias de enquadros policiais. Para dentro de suas vilas ou quebradas, esses sujeitos se encontravam em meio a uma guerra: “era uma guerra entre ladrões e justiceiros, a morte corria dos dois lados. Se não fosse só isso, ainda tinha a polícia que gostava de matar” – lembrou meu tio Wagnão, que me narrou alguns acontecimentos atrelados à essa guerra.

A primeira vez que pensei em escrever algo sobre o que aprendi com a transmissão da sabedoria dos nêgo véio foi num certo dia na quebrada antes mesmo de conceber qualquer uma das minhas pesquisas. Graças ao meu exercício, na época sem muito sentido, de escrever diários no final de cada dia e, principalmente, relendo esses escritos durante a época que voltei a morar na quebrada em 2016, pude recolher algo da relevância de tal guerra para os nêgo véio. Era um sábado do mês de julho de 2011, primeiro ano de graduação em ciências sociais, eu havia chegado cerca de quinze dias antes a São Paulo para visitar meus parentes. Tempo suficiente para ficar inquieto na casa de minha mãe, com várias ideias na mente e buscando um tema envolvendo minha quebrada para realizar uma pesquisa. O dinheiro, como sempre, na época era uma demanda já que eu precisava me manter em São Calos, uma iniciação científica seria perfeita para ganhar uns trocos, pois, além do aprendizado que a atividade me proporcionaria teria uma bolsa de estudos. Aí nessa época andava a cata de algum tema para pesquisar. Andava muito com meu tio Muchacho e fui até sua casa. Meu tio conhece muitas pessoas em São João Clímaco e no Heliópolis, é aquele mano que até hoje alguns se perguntam como não foi jogador de futebol profissional, coisas da vida, sei lá. Tem moral na quebrada, portanto era meu principal aliado para encontrar alguma temática de pesquisa. Porém já passava da hora do almoço, ele tinha dado um perdido na minha tia, saiu sem avisar onde

iria, conseqüentemente fiquei à deriva. Saindo para a rua, ainda frustrado, encontrei minha prima Juliana que passava de carro. Essa amiga me deu uma carona até ao bar que supostamente meu nosso tio estaria.

Chegando ao destino, me despedi da Ju e logo avistei meu tio dentro do bar. Ele estava tocando um instrumento de percussão e compondo uma roda de samba. Ao entrar no estabelecimento cumprimentei meus conhecidos e as pessoas próximas à entrada. Fiquei junto à mesa dos amigos de meu tio, um deles me deu um copo e o encheu com cerveja. Depois de algumas músicas meu tio parou de tocar e se aproximou de nossa mesa. Passei uma tarde inteira escutando trocando ideia com os nêgo véio. Foi um grande dia para mim, há muito tinha interesse em saber mais sobre as histórias de quando desses coroa eram moleques. Mas isso aconteceu graças a um detalhe. Depois de algumas cervejas, risadas e músicas cantadas, Tião, um desses nêgo antigos, se propôs a conhecer mais da atividade que eu pretendia desenvolver na quebrada. Falei para ele que ainda estava começando a pensar algo para escrever sobre o Heliópolis. Tião disse que se eu pretendia escrever algo sobre o que eles sabem, teria de gastar muita tinta, pois “são várias ideias de mil grau”.

Realmente, são várias ideias de mil grau, por isso transmito na minha escrita somente algumas ideias desses sujeitos. Quando questionei Tião sobre o que ele poderia me ensinar prontamente ele respondeu: “todos nessa mesa são sujeito [homem] e sobreviventes. Dado o que foi nossa época. Envelhecer para gente foi um privilégio. Você não sabe o que foi essa favela uns tempos atrás, perdemos vários amigos. Não é mesmo Valdo? Explica para ele aí” – dessa forma Tião introduziu à conversa aquele que viria a ser o outro nêgo véio que conversou comigo sobre o tema da guerra naquele dia no bar.

Valdo, se inteirando do assunto, concordou com Tião. Afirmou que os anos oitenta em São João Clímaco e no Heliópolis constituíram a época da guerra entre ladrões e justiceiros. Para meus interlocutores, dois personagens ilustravam bem essa treta, eram por sua vez Pequeno (ladrão) e Zé Manuel (justiceiro). Pequeno carregava a fama de ter sido acusado de “quase cem homicídios” ao ser preso. Já Zé Manuel matava por nada, “um olhar torto já era o bastante para deitar”. O início da treta entre os dois personagens, na época, não me foi especificado, a única coisa que os nêgo véio disseram era que em cada final de semana um lado derrubava alguém do outro lado (amigos próximos dos envolvidos), era um ciclo de mortes.

Mesmo em meio à guerra, meus interlocutores não hesitaram em afirmar que suas adolescências foram as melhores fases de suas vidas. No ano de 1982, então com quinze anos, ambos

começaram a ir aos bailes blacks. Iam ao Vulcão, na sexta no Stop, no sábado ao Estudante e domingo era o Mantra. Semana de pagamento, segundo eles, era sem miséria, iam ao baile da Chick Show. Os bailes eram os pontos de encontro de jovens das periferias. A juventude queria escutar um som, se divertir, dançar, namorar e tirar uma linha com os parceiros. Aproveitar a vida com liberdade, “mas essa guerra quase estragou tudo”, como sintetizou as ideias Valdo.

Conforme pude acompanhar, na quebrada 2016, duas versões concorriam como a verdadeira para o começo das tretas entre Pequeno e Zé Manuel. Em uma delas, o motivo da briga que desencadeou a guerra teria sido o fato de Pequeno ter assediado uma parente de Zé Manuel; isso fez Zé Manuel criar a revolta não apenas contra Pequeno, mas contra todos os jovens que tinham cor e jeito de ladrão em Heliópolis e região. Na outra versão, o motivo teria sido uma agressão que Pequeno cometeu a um parente de Zé Manuel, desencadeando todos os acontecimentos da guerra.

Meu tio Wagner, parceiro de Valdo e Tião, também buscou a liberdade na quebrada de Heliópolis. Ele me ensinou que na favela, naquela época, a polícia só entrava para reprimir morador. Quem fazia a ronda era Zé Manuel e seus parceiros, todos armados dentro de um opala preto e prontos para derrubar qualquer menino pretinho que estava na rua pós às dez horas da noite. Segundo esses caras, para justiceiro, quem ficava na rua até tarde da noite era considerado vagabundo. Meu tio ressaltou algumas vezes o perreio que passava na época que estudava no SENAI. Por conta do curso de torneiro mecânico chegava todo dia depois das dez horas da noite, antes de descer do busão era obrigado olhar para os ambos lados da rua para se certificar que não havia nenhuma ameaça e depois saía em carreira do ponto de ônibus até sua casa para não ser confundido com ladrão.

1. 13. Ladrões contra ladrões

Mano Brown em entrevista⁹, relatando a maneira que o rap emerge para ele como expressão da quebrada, diz que durante os anos oitenta a raça preta estava em extinção. Era uma fase, segundo Brown, que a juventude dos bairros periféricos estava transviada e vivendo de excessos:

A juventude tava a milhão, conhecendo todo tipo de loucura e aí vieram os excessos. Anos oitenta foi uma época de excessos [...] tanto do lado dos boy, quanto do nosso lado também. Dos excessos vieram os grupos de extermínio, que aqui na zona sul, foi um bairro muito afetado pelo extermínio nos anos oitenta. E o extermínio tinha uma cor de padrão, de suspeito e de vítima, que eram negros e pardos. Isso aí ocasionou realmente um esvaziamento. Eu lembro que na nossa quebrada tava todo mundo ouvindo sertanejo, em oitenta e oito. Tinha medo de ouvir samba, de ouvir música de salão que era música de bandido, que já era o rap na época, música de salão, morô? As músicas de salão, balanço e as ideia era que era música de vagabundo, morô? Música de suspeito. E começou a morrer muita gente. Foi assim que nasceu o rap pra mim aqui na zona sul, no meio da chacina e do caos, né?

Essas palavras de um dos Racionais MC's relata o real processo de extermínio da juventude preta de São Paulo que também atingiu vigorosamente a quebrada de Heliópolis nos anos oitenta.

9 Programa Estação Periferia encontrada no Youtube no seguinte link: <https://www.youtube.com/watch?v=0Hf9IUdMbo>

Segundo Valdo e Tião, os anos oitenta foram uma época de extravasos. “Era muita droga, muita mina, muita felicidade, só que também teve muita morte. Todo menino de quebrada queria ser livre e extravasar com um tênis legal, uma calça de marca e dinheiro para gastar nos bailes”. Nessas circunstâncias, o crime se apresentou na contradição de ser possibilidade e também como entrave à liberdade.

Como os bailes blacks eram o ponto de encontro de jovens de diversas periferias, muitas vezes aconteciam brigas entre bancas de diferentes lugares da cidade. Para saber um pouco mais dessas brigas, indaguei meus interlocutores a respeito das causas de tais desavenças. Eles elencaram os fatos como “ir bem vestido, consumir bastante álcool na noite, dançar bem com as minas e a vaidade como motivos mais que suficientes para alguma coisa acontecer.” Tião sorriu ao se recordar que “tinha briga todo baile”. Atribui estranheza a maneira jocosa e nostálgica que me foram narradas as brigas, ato que me fez perguntar se não morriam pessoas nos conflitos, dado que era uma época perigosa. Então Valdo e Tião me explicaram que essa conjuntura existia “só no começo”, concluíram que as primeiras brigas eram “coisa de moleque novo e eram só na mão”, se resolviam no máximo numa troca de socos. Entretanto, com o passar do tempo, alguns de seus amigos entraram para o crime. Para os coroas, esses amigos “foram seduzidos pela vaidade e o crime era uma maneira de conseguir dinheiro para luxar e curtir”. Conseqüentemente, esses caras passaram a ir armados aos bailes. No crime pegaram certa fama e respeito. A partir de então, a banca ficou conhecida como uma “rapaziada que não arregava nas brigas e que tinham alguns componentes ladrões”. A fama e o respeito trouxeram sérias implicações para essa molecada. Chegou-se ao ponto de quem era de São João Clímaco e Heliópolis não poder frequentar bailes em determinados lugares da cidade, pois as bancas dessas outras paragens também se armavam e “ninguém queria ser menos que ninguém”.

O crime e a morte violenta tornaram-se realidades para esses homens em suas juventudes. Tião e Valdo tiveram que fazer uma escolha. Disseram-me que por um lado ir para o crime não era para eles, “não era covardia, mas se era para ser do crime tinha que ser até o fim, tinha de ter apetite como o do Sabará, coisa e tal”. Por outro lado, não podiam ter medo, não podiam “fraquejar”, se render ao dinheiro supostamente fácil que o crime ofereceria e nem “pagar simpatia para vagabundo”. A vida é dom e não se pode intimidar frente as suas situações. Nessa sintonia perceberam que o importante para eles então era arrumar um bom emprego, não passarem necessidade financeira, irem tranquilos aos bailes e serem respeitados. “Ter a liberdade de um sujeito homem porque ser malandro de verdade é viver”.

Com esta colocação, quis entender o que é ser um sujeito homem mais especificamente. Valdo respondeu que não tem como explicar, “ou é ou não é, só de olhar se sabe”. Entretanto, sem discordar de seu amigo, Tião argumentou que mesmo não tendo um “manual de instruções”, uma coisa é certa, “é preciso ter a mente forte” e “é o seguinte, para viver uma boa vida não pode ter ideia fraca, há momentos que é preciso trabalhar mais com a mente do que com o corpo, isso já naquela época, hoje em dia ainda mais. Teve cara que não entendeu isso e morreu ou foi preso. Perdeu a liberdade de estar no mundo, perdeu o privilégio de poder envelhecer, tá ligado?”

Ambos se lembraram de uma festa na qual a figura de um sujeito homem se sobressaiu. Na ocasião, comemoravam, no ano de 1986, na casa da mãe de Valdo, o aniversário de Sabará. Alguns finais de semana antes, aconteceu outra festa em São João Clímaco. Nesta ocasião um moleque ficou muito mal de droga e goró, daí teve o par de tênis roubado por alguém que andava junto de Tião, Valdo e Sabará. Os amigos do rapaz que teve foi roubado desceram até a festa de Sabará armados; queriam cobrar a reputação maculada do menino.

Na festa de Sabará ninguém estava armado em respeito à dona da casa, o que gerou um grande desespero nos presentes quando o outro grupo chegou sacando suas armas. Para Valdo, o desfecho dessa história não teve mortes, naquele dia, graças a dois fatores. O primeiro foi a rápida movimentação feita para tirar do local os mais exaltados e esconder aquele que tinha roubado o par de tênis. O segundo fator foi a habilidade, de quem não era do crime, capaz de contornar a situação trocando ideia.

Rememorando os acontecimentos da festa, Valdo ressaltou a malandragem e o desempenho pacificador de Guiné. Entre os armados encontrava-se o falecido Pedrinho, primo de Valdo, que “de tão chapado de droga que estava, estranhou todos”. Esse mano chegou ao ponto de encostar o cano de um oitão no peito de seu primo. Guiné, vendo a situação, deu um psicológico em Pedrinho, apontando o absurdo da situação e que não havia necessidade para tanto, porque todos ali se conheciam. Valdo concluiu suas ideias da festa com a seguinte alocução:

Olha só a coincidência, o Guiné tá aí fazendo um corre aqui e outro ali, lutou pela liberdade, entende? É respeitado e todo mundo aqui na quebrada conhece ele. Já meu primo, foi se acabando. Começou a roubar na necessidade só que quis demais, morreu assassinado e quase ninguém lembra

Lado B – Capítulo 2

2.1. Apresentação de Quebrada

Tenho uma narrativa a transmitir. As circunstâncias em que foi feita são tão singulares que não podia ser outra coisa se não um privilégio. Neste país cheio de desacertos para nós, posso dizer que a Quebrada tentou escrever uma narrativa sobre si mesma. A reflexividade da palavra é estranha aos ouvidos quando a estudante anteriormente era a estudada. Todavia, quando isso acontece, obtemos uma verdadeira viagem. Por isso, o que se segue é uma história de viagem pelo campo criativo de Quebrada. Quando o próprio sujeito é quem narra suas aventuras, escutamos apenas impressões, então leitor(a), dê seu próprio peso e medida científica, sem deixar de reconhecer que o fundo fantástico da narrativa intenta escrupulosa fidelidade materialista.

Sem subestimar o parceiro ou a parceira que pode ler isso algum dia, tomemos de barato que todos tenham lido todas as memórias de viagens antropológicas; viagens de metáforas históricas e realidades míticas de deus Lono como capitão Cook (SAHLINS, 2008) até as excursões tão singulares de Tito ao Planeta das Quimeras. Contudo, a viagem desta narrativa em termos de deslocamentos físicos é mais limitada, porém tenta compensar um pouco em termos de deslocamentos de referenciais cognitivos (WAGNER, 2009), no verso do jargão antropológico.

Se contarem que viajar é multiplicar-se, eu acredito. Apreendi com a Quebrada que quem não há de ir ver as coisas com as vistas da cara, diverte-se ao menos com as da imaginação; ou em termos práticos, “quem tem bota a banca parceiro e quem não tem se vira” (LOPES & SERENO, 1986). Pelas citações proditórias, vemos que a viajante não é heroína. Ela é mais afeita às coisas de malandro como Carolina de Jesus¹⁰. O que não significa também que seja o malandro; habita sob teto de vidro e tem o pé de barro, fique claro que não é exemplo para ninguém. Contudo, teve de aprender com a malandragem alheia. E os professores da matéria não foram aqueles que são somente malandros em carnavais (Da MATTA, 1990). A narrativa da malandragem pautada aqui é daqueles que não se autodenominam malandros porque quem é não fala, somente é. Então paremos e observemos a malandragem no retrato do sistema de formação de Quebrada. Com isso, entenderemos que o malandro apresenta um processo de vida altamente original, que é a preocupação de viver uma vida livre e sem ter de dar demasiadas explicações. Porque mesmo que

¹⁰Como ainda permanece desconhecida para muita gente, chamo essa nota para referenciar uma das escritoras brasileiras de grande influência para Quebrada. Carolina de Jesus é mulher, negra, vinda da cidade de Sacramento – MG e morou na extinta favela do Canindé. A escritora também foi catadora de lixo, recolhia cadernos e revistas velhas para escrever nos espaços em branco letras que expressaram crônicas; crônicas em primeira pessoa que descrevem a potente realidade de ser mulher e negra numa favela no início da “modernização” de São Paulo. Sua obra de maior circulação editorial é o livro Quarto de Despejo – Diário de uma favelada (1983).

a malandragem signifique muitas vezes qualidades contraditórias, simultaneamente ela subsidia a preocupação de expressar a liberdade do malandro.

Ora, com toda essa diversidade de conhecimento, ainda assim eu não desejaria fazer a viagem da personagem desta narrativa. Leu muita coisa, estudou em solidão, magoou pessoas queridas, é certo, e voltou com a cabeça cheia de ideias dos meios de apreciar as relações da humanidade; mas por tantas fitas quantas tretas. Por exemplo, os ingleses são exímios mestres de criar sentidos para as relações sociais; passam num pulo da análise do circuito do Kula da Nova Guiné à Zululândia moderna. No entanto, nem mesmo Shakespeare seria capaz de imaginar os contrastes de Quebrada. Então passemos aos fatos reais.

Quando quebrada passava por uns perreios na favela de Heliópolis, uma série de golpes democráticos eram aplicados no Congresso Nacional contra outra mulher e tudo foi acompanhado via televisão, jornal e mídias digitais. Absorta nessas e noutras reflexões de real natureza, estava a amiga desta narrativa. É de proceder o retrato físico e moral dela. Podemos dizer, com a voz eterna de Augusto, que se encontrava igual à cerveja que tomara. Nem gelada, nem quente. Nem vazia, nem cheia. A dose meio a meio. Era sustentado ou bemol, feita um samba canção (FUNDO DE QUINTAL, 1986). Não é nem alta e nem baixa, equivalente à estatura mediana que se pode dizer de porte elegante, na minha opinião. Possui no semblante as marcas exatas de trinta anos, olhos serrados e profundos, o nariz é descendente legítimo da filiação de negros e brancos e a fronte é larga como o verdadeiro trono dos castelos de sua mente.

Como a medalha de São Jorge, presente de mãe, que carrega ao pescoço, e todas as coisas de compensações deste mundo, Quebrada tem dois lados. Oh! Triste coisa que é o reverso do verso. No moral apresenta o mesmo aspecto duplo do físico. Não tem vícios, mas tem fraquezas de caráter que trincam, um tanto ou quanto, as virtudes que a enobrecem. É boa e tem a virtude evangélica de ajudar sem ver a quem. Ajuda a fazer o mutirão e reparte o pão, na humildade fez sua morada, firmeza total e pureza no coração. Não maltrata nem ao mais impertinente bicho, ou a mais desafortada pessoa, duas coisas idênticas no final dos curtos dias de sua vida. Contam que por sua conduta razoável e bons instintos aprendeu a conviver com o gato folgado da vizinha Favelada, que de invasor de seu barraco passou a visita esperada e bem recepcionada.

Só que é pelo certo também dizer as fraquezas de caráter de Quebrada, e deve-se concluir que são da mesma potência comum da natureza das virtudes. Quebrada vendia outrora a produção de sua eleição concedida pelas musas, não por trocas legítimas de dons e contra dons como o livro e a moeda, mas por permuta desonrosa e nada digna para quem entende o auxílio luxuoso de um

pandeiro. As vendas que fazia eram absolutas; isto é, trocando por dinheiro os versos, o poeta perde todo seu direito sobre a produção, esvazia todo o seu dom e fica sob o jugo alheio (MAUSS, 2008).

Era o caso de aproximação com intelectuais que creem piamente em parâmetros autorreferenciais de política e esquerda; porque convenhamos que burguês de direita nem pisa na terra humilde. Nossa Quebrada tinha um cliente somente. Era um sujeito rico, maníaco pela fama de porta-voz e especialista das periferias nos debates que tomava parte. Agora estava metido a fazer poesia nos slam e saraus do gueto. Sabendo da facilidade que a viajante rimava, o sujeito apresentou-se no modesto barraco de Quebrada e travou a negociação pelos seguintes termos, conforme contam.

- Venho lhe propor um negócio das Arábias – disse o playboy intrometido.
- Pode falar – respondeu de maneira firme Quebrada.
- Soube que você também faz um verso, reflexões e produz conhecimento do mundão... É verdade?

Quebrada conteve-se diante de tremendo abuso no tratamento, e respondeu:

- É verdade.
- Está certo. Então, é o seguinte. Compro-lhe por bom preço toda a sua produção que fizer de hoje em diante, com a condição de vou dizer o que é verdadeiro sentido científico de suas relações e vou dar à estampa como obra de meu timbre. É, poucas ideias. Não há meio termo aberto à negociação: adianto-lhe que prefiro os temas da violência, do crime e o sofrimento para dizer que essa é a política do gueto no meio acadêmico. Está afim?

Quando o sujeito terminou de falar, Quebrada levantou-se e, com um movimento de ombro, mandou-o sair, mas antes disse:

- “Chega como eu cheguei. Pisa como eu pisei nesse chão que me consagrou. Olha que lei é lei. Lei que eu nunca burlei, pois Deus me designou. Ao me ver já diz que me conhece sem saber meu real interior. Eu sou verso e sou reverso. Sou partícula do universo. Sou prazer, também sou dor. Eu sou causa, sou efeito. Eu sou torto e sou direito. Enfim, eu sou o que sou” (CASEMIRO, MACHADO & PAGODINHO, 1988) e tire-se daqui!

O tratante pressentiu que se não saísse logo dali o tempo fecharia e as coisas poderiam acabar mal. Preferiu tomar o rumo que conduzia à rua. Batendo a porta às costas, deu uma gargalhada como a do personagem Dr. Abobrinha de outro enredo e disse: “Esse castelo ainda será meu, deixe estar”.

A poetisa esqueceu no dia seguinte as fitas erradas da véspera. Mas os dias passaram e as necessidades fizeram a casa cair. Quebrada não tinha mais recursos, depois de uma noite de

gandaia, lembrou-se do sujeito e tratou de procurá-lo; disse que estava disposta a dar-lhe objeto criativo e aceitar o negócio. O sujeito, lançando o rosto com um sorriso diabólico, fez um adiantamento na condição de que a poetisa entregaria no dia seguinte uma ode aos irmãos de Comando. Pobre Quebrada, passou a noite a arregimentar ideias sem poesia, tal era a sua condição e, no dia seguinte, levou a obra ao freguês, que a achou boa e dignou-se a dar-lhe um abraço. “Gratidão e luz” foi o que desejou à nossa Quebrada.

Malandro, seguinte parceiro e parceira. Essa é a face moral de Quebrada. A virtude de pagar os boletos em dia levava-a mercar com os dons divinos. Ainda assim vemos que lutou, só foi vencida quando viu os pés amarrados à pedra de moinho para ser jogada ao fundo do mar. Só que é naquelas, não dá para passar o pano para ninguém, é só continuar a contar do que sei.

2. 2. Entregue às paixões

A mesa na qual Quebrada trabalhava era um dos dois caixotes de madeira que comprou de seu Eloy, era também onde guardava os discos de vinil que herdara de um tio. Uma caneta Bic de tinta preta, um caderno, uma cadeira e toca-discos, eis os instrumentos de trabalho de Quebrada em casa. Dois colchões que serviam de cama um sobre o outro, uma geladeira só com água gelada, fogão sem gás, uma prateleira de livros e uma arara de roupas completavam a mobília. O barraco tinha apenas uma janela e quatro paredes com alguns retratos da família, São Cosme e Damião e da Virgem segurando seu filho preto. Nossa viajante escrevia à luz de vela para sentir a plena conexão com as musas e seus antepassados. As horas que Quebrada se engolfava em reflexões e fantasias que lhe permitam escrever era noite alta.

A noite específica em que se iniciou a viagem de nossa parceira oferecia um calor de primavera. Os ventos se faziam presentes e calmos, observavam as estrelas que luziam lindamente seus sorrisos. A lua tinha total certeza de sua beleza, assim se mostrava somente por sua metade sutilmente dourada entre poucas nuvens. Os planetas garantiam a ordem do Astro Rei que repousava em outra parte do mundo.

Esta é a efêmera sensação da marcha das coisas do firmamento ter parado e Quebrada nada viu do que foi descrito, porque estava com a cabeça encostada num dos braços postos sobre a mesa. Entretinha-se em refletir sobre os perigos que oferecem as diferentes maneiras de viajar. Mas qual era o motivo destes pensamentos em que se embrenhava a poetisa? Sem ser zé polvinho, vou explicar somente à legítima curiosidade dos leitores. Quebrada, como

todo aprendiz de malandro que se preze, os poetas e não poetas, sentia-se afetada pela doença que um de seus condutores tratou junto com a madrinha do Samba Beth Carvalho. E “ai como dói. Ai como dói a dor. Como dói a dor de amar” (CRUZ, MARQUES, PAGODINHO, 1986). Uma dor sem remédio para aliviar, relacionada a uns penetrantes olhos penetrantes e porte senhoril de uma criatura esbelta chamada Acadêmica.

O amor em Quebrada começou por uma febre e quase a levou para a cidade do pé junto; padeceu nove dias doente, em estado terminal, e foi curada (da febre, não do amor) por uma preta velha que cultivava a secreta sabedoria ancestral das ervas virtuosas. Tia Sazica pôs a nossa poetisa em pé, com o que ganhou aumento de sua fama de preta curandeira de dotes milagrosos. Depois de caminhar pelo vale das sombras e da morte como o Orfeu que desafinou a lira, Quebrada ficou ainda com a afecção do forte afeto. Quebrada tinha sua verdadeira potência perante a vida condicionada a uma paixão que ainda lhe dava esperanças; foi o que a levou a fraquejar gravemente com as ideias.

Quebrada tinha um amigo que a ausência até este ponto da narrativa é digna de nota. Exímio artífice da discrição, o seu nome é Orientador. Foi ele que, percebendo os apuros da amiga, indicou gentilmente a rígida e poderosa bibliografia antropológica de memória para ver se Quebrada recuperava a noção das ideias. “A ciência tem o inefável dom de curar todas as mágoas”, era o que dizia o amigo.

Nossa chegada muito leu sobre o tema da memória. Partiu do reconhecido marco de investigação a respeito da memória coletiva que foram os escritos de Halbwachs (1912; 1925; 1929; 1950) nas ciências sociais. Entendeu que, como bom aluno de seu mestre Durkheim, Halbwachs utilizou a noção de quadro social na análise de memórias; com este conceito o autor descreveu representações de ideias e noções necessariamente coletivas de sua atualidade. A partir de então, para quem gosta de compartilhar ideias com pensadores franceses, a memória analiticamente torna-se reconstrução do passado. Por exemplo, para esse segmento de análise, reconstrói-se o passado por quadros de lembranças referenciadas socialmente em documentos, narrativas, imagens ou outras obras registradas de alguma maneira. Evidentemente, desse modo, tira-se, em alguma medida, a análise do passado de dada ideia conceitual de indivíduo e a recoloca no fato social que enquadra o lembrar como efeito de coesões e pontos de vista de natureza coletiva.

esses quadros, a compreensão do passado é articulada por signos do presente. Para resumir as ideias, o presente é o que projeta o passado na análise. Como sugere o professor

Jorge Villela, “o quadro fixado por Halbwachs fez escola” (VILLELA, 2008: 91). Direta ou indiretamente, a perspectiva supracitada está em Hobsbawn e Ranger (1983) e em trabalhos da antropologia; dos clássicos como Malinowski (1988) a outros mais recentes como o de Remjinse (2003). No entanto, há autores que contestam o fato do passado ser apenas projeção do presente. Connerton (1989) diz que no tocante da memória em geral, experiências do presente dependem em grande medida do conhecimento do passado, e no que diz respeito à memória coletiva, são imagens do passado que legitimam socialmente a ordem do presente. Para Herzfeld isso acontece porque há uma nostalgia estrutural de elementos do passado que são mobilizados em práticas atuais, expressas em discursos de intimidade cultural entre agentes estatais e sujeitos sociais (HERZFELD, 2008). Etnograficamente, Janet Carsten descreve como o cuidado com a memória, ou seus esquecimentos, podem contribuir para a construção de narrativas de agentes como o Estado, comunidades e famílias (CARSTEN, 2007). Ainda nessa linha, mas por um viés mais teórico, Marshal Sahlins apresenta a ideia de que acontecimentos de um tempo passado ou mítico influenciam na prática e nos significados do presente (SAHLINS, 2003).

Mas, além do social, há outras fabulações do pensamento ocidental que podem ser utilizadas para dar à memória significado. Por exemplo, é frequentemente ressaltada, no panteão divino da Grécia arcaica, a presença de divindades que têm nomes de paixões, sentimentos e qualidades do pensamento. O termo musa é uma dessas potências. Divinamente são filhas de Zeus e de tudo sabem porque podem habitar todos os lugares com suas essências divinas. No plano profano do humano grego, musa é o termo comum que expressa a inspiração da palavra cantada ou rimada do Aedo, o poeta.

Nessa sintonia Quebrada se ligou com Homero (1964), Detiene (2013) e Vernant (2008) que, invocada pelo poeta ao iniciar um canto, a musa é o que dá a conhecer os acontecimentos passados. No canto poético, o discurso é inseparável das noções complementares de musa e memória. Nesse discurso, o flow da rima não visa de modo algum reconstruir o passado seguindo uma perspectiva temporal. Com sua memória, inspirada pelas musas, o poeta tem acesso diretamente, numa visão pessoal, aos acontecimentos que evoca; tem o privilégio de entrar em contato com o mundo das divindades e dos antepassados. A memória lhe permite apresentar o que não é visto no plano denso da existência. Portanto, a memória do poeta não é somente o suporte material de uma narrativa, função social que sustenta a técnica de formular uma descrição de determinada

comunidade; é, sobretudo, a potência que produz um lugar de enunciação de ideias e referências sutis.

Agora, se eu tivesse o dom da poesia e pudesse dar Hamlet em linguagem científica, utilizaria a célebre resposta do príncipe vacilão para zuar Quebrada enquanto ela tentava compor algum verso para sua amada Acadêmica: “words, words, words”. Palavras, perrécos, buchichos e coisa nenhuma era tudo o que minha parceira parecia adquirir na leitura de textos antropológicos. Obviamente o problema não estava na bibliografia, mas na singular ideia de confrontar os dados bibliográficos com os de sua realidade imediata e daí tirar alguma inspiração para escrever.

Depois de muita vela gasta às musas algo se materializou, não como desejado, mas, mesmo assim, Quebrada se aventurou numa declaração oral à dama de seus pensamentos. Esta tudo escutou com dureza no espírito, quando aquela terminou de falar, disse-lhe que era melhor “parar de meter o loko e voltar à vida real”. Para Acadêmica nada do que Quebrada dizia fazia sentido, sobretudo por ter amortecido seus ouvidos somente para as antropologias e etnografias convencionais que envolvem sujeitos e objetos.

Quebrada, atordoada com a desilusão iminente, juntou todas as suas últimas forças científicas para mobilizar Bruno Latour e justificar que:

Este dilema permaneceria sem solução caso a antropologia não houvesse acostumada, há muito tempo, a tratar sem crises e sem crítica o tecido inteiriço das naturezas-culturas. Mesmo o mais racionalista dos etnógrafos, uma vez mandado para longe, é perfeitamente capaz de juntar em uma mesma etnografia os mitos, etnociências, genealogias, formas políticas, técnicas, religiões, epopeias e ritos dos povos que estuda. Basta enviá-lo aos arapesh ou achuar, aos coreanos ou chineses, e será possível obter uma mesma narrativa relacionando o céu, os ancestrais, a forma das casas, as culturas de inhame, de mandioca ou de arroz, os ritos de iniciação, as formas de governo e as cosmologias. Nem um só elemento que não seja ao mesmo tempo real, social e narrado (LATOURE, 2011 [1991]: 12).

Mesmo assim, a pobre Quebrada, que nunca foi além das ruas em que cresceu, observou Acadêmica se manter irredutível. Mas não presumam que esta mina ardilosa utilizava de rispidez e deselegância para responder a sua interlocutora. Era o modelo mais rígido da razão e dos costumes elitistas; recebera austera educação do pai militar e da mãe humanista, por isso alternava entre as opiniões acerca de que pobre bom é aquele que se deixa prender ou que se deixa estudar para ser ajudado. Em suma, pobre bom é aquele que segue os padrões que esperam dele seja onde for.

Desenganada de uma vez por todas, Quebrada assumiu um estado catatônico e se refugiou na solidão de seu barraco onde agora a encontramos como descrita anteriormente. O amor mal tratado, me ensinaram certa vez, quando não se conforma a um desdém sublime,

leva à tragédia ou à vacilação total; das duas, uma. Como dois e dois são cinco. Diante da situação, Quebrada conseguiu encadear dois planos e tirar uma conclusão. O primeiro tendia à tragédia, pois consistia simplesmente em ir para as cabeças, meter o loko, pegar numa arma e cair para as explicações do crime como resposta à classe de quem a desprezava. O segundo projeto tendia à asneira e era nesta opção que se debatia o espírito da poetisa por lhe faltar o apetite necessário ao primeiro plano. Como já é sabido, os pensamentos de nossa amiga limitavam-se a concatenar uma viagem, mas para onde? Para França, Inglaterra ou Estados Unidos da América, tanto faz, tudo para abandonar seu atual lugar no mundo.

Só que parceiro e parceira, milagres acontecem, tá ligado? Sem sugerir ordem aos eventos, subitamente, um trovão abalou o céu da noite de primavera descrita. Antes que Quebrada pudesse entender o susto para se recuperar dele, ouviu alguém bater à porta três firmes pancadas. Quem poderia ser? Quem iria procurar a poetisa nessa hora? A amiga então se lembrou que o sujeito das encomendas estava pensando em suas ideias para que produzisse mais odes aos temas batidos da violência. Foi abrir a porta preparada para a conversa torta que o sujeito certamente trazia. E aqui deixa de falar o narrador para falar a protagonista. Não vou tirar o lugar de fala e o encanto que há de ter em contar a própria narrativa.

2. 3. Fé em Deus que ele é justo, Quebrada

Um mano se apresentou como Rui de Leão. Porte médio, magro atlético, cor da tez característica dos malandros, vasta barba, calçando chinelo, trajando bermuda e a camisa de algum time da várzea do morro do Livramento, rosto de expressão serena, mas que não deixa de transpassar os inúmeros castelos que deve pensar. E tem mais, o mano invadiu meus aposentos; e ao sentar em minha cadeira, mandou essas ideias que peço, na humildade, um pouco de sua imaginação para que se materializem.

Eu estava assombrada. Automaticamente, esperei trocar uns socos com o cara. Vai que fosse assalto. No entanto, olhei bem para o barraco e fiquei aliviada porque não havia nenhum objeto que valesse a peleja de sua conquista ou manutenção. Além do mais, o gato da vizinha entrou pela janela e se aconchegou no colo do outro invasor. Passaram-se nisso cinco minutos; depois desse tempo, o malandro – tirando do bolso de sua bermuda um par de óculos com lentes de oval formato – encarou-me e disse:

– Em que pensas, poetisa? Planteias algum amor mal parado? Dói-te a desgraça alheia ou é a própria que te sombreia a fonte jáo?

O mano me perguntou com tamanha intimidade que, sem inquirir o motivo da aproximação, respondi sem pestanejar.

– Penso nas injustiças de Deus.

– É contraditória a tua expressão. Deus é perfeição, é a justiça – disse o mano e eu continuei a minha ladainha.

– Você está de ideia errada com a minha pessoa?

– Você se lamentando desse jeito nem parece que tem a dignidade de viver o mundão com a saúde que tem. “Quem falou de mim na madrugada não falou nada, eu sou assim mesmo eu sou a Quebrada”, não é o que você vive cantando nas rodas de samba por aí? Então, o lema é fé em Deus e pé na tábua, e chega de saudade, tá tudo aí, é só saber chegar.

– Firmeza então, malandrão.

– Não és tu quem fala, poetisa. É o teu amor-próprio ferido pela má paga do teu afeto. Mas de que te servem as musas da sabedoria do lugar de onde você venho, de seus ancestrais? Ainda não vieram a ti, como eternas consoladoras que são? Entra no santuário da poesia, engolfa-te no seio da inspiração, esquecerás aí a dor da chaga que o mundo te abriu.

– Quem dera! Os assuntos que ofereço são vistos com desdém. Para ser ouvida atualmente tenho de mostrar minha face mais violenta ou criminosa. Se for falar de tristeza, meu tempo não dá. Prefiro os temas da paz, da amizade, da liberdade e progresso pros meus. Sou considera sonhadora, sem objetividade e organização que carece de explicação.

– De que precisas tu para dar vida à poesia e à inspiração?

– Preciso de tudo. Dinheiro, amor, uma casa para minha coroa, compreensão, preciso ter fé em Deus e cuidar da minha família.

– Tudo? É exagero. Tens o selo que Deus te distinguiu dos outros homens e isto te basta. Cismava em deixar em cometer um atentado contra a vida?

– Jamais! Só ia meter uns assaltos para cima dos playboys. No entanto, se for necessário dar a vida por esta causa, estamos aí. Não tenho mais nada a perder.

– Bem; venho a propósito. Queres ir comigo?

– Para onde, ficou doidão chapa?

– Que importa? Queres vir?

– Quero. Aí já faço um rolê. Vamos quando, amanhã? De barco ou de carro mesmo?

– Nem amanhã, nem por mar, nem por terra; mas pelo ar.

Dei um pulo na cabreragem, o gato também saltou do colo do outro visitante e este se levantou. Continuei com o diálogo...

2.4. Vale a pena tentar e continuar a caminhada

Minha mixtape acaba nesse ponto. Durante o processo de produção dessa dissertação, várias fitas aconteceram. Acontecimentos da minha quebrada que me fizeram dar um break para repensar todo o tipo de ciência que eu estava produzindo até então. Mas como tenho a responsa de cumprir os prazos e compromissos relacionados à produção de conhecimento da universidade pública, o que pude apresentar para obter o título de mestre é o que está escrito até aqui. Ainda estou organizando as ideias e escrevo essas paradas não em tom de justificativa, mas na sintonia de deixar o caminho aberto para continuar desenrolando o que aprendi com a minha quebrada. Para isso preciso resolver os problemas que a quebrada me apresentou. Assumi essa posição de escrever as coisas de lá e a quebrada tá vendo se eu sou merecedor de continuar nessa caminhada. Desse modo, a ideia é dar continuidade a transmissão da sabedoria da quebrada em artigos e possíveis pesquisas futuras. Uma gota por dia, porque vale a pena tentar, por que essa é a minha fórmula mágica da paz.

Bibliografia

- ABU-LUGHOD, L. 1991. Writing against culture. In Fox, Richard (ed.). *Recapturing Anthropology, working in the present*. Santa Fe: School of American Research Press.
- ALVES, Y. De C. 2016. *A casa raiz e o vôo de suas folhas: família, movimento e casa entre os moradores de Pinheiro*. Dissertação de Mestrado, PPGAS-USP.
- ASSAD, T. 1973. Two european images of non-european rule, in ASSAS, T. (org.), *Anthropology and the Colonial Encounter*. Nova York, Humanities Press.
- BERTELLI, G. 2017. Errâncias raciais: a periferia, o rap e a política. In. *Vozes à margem: periferias, estética e política*; BERTELI, G. & FELTRAN, G. (orgs.). São Carlos: Edufscar.
- BIONDI, K. 2010. Junto e misturado: uma etnografia do PCC. São Paulo: Terceiro Nome/FAPESP.
- BIRTH, K. 1990. Reading and writing ethnographies. *American Ethnologist*, vol. 17(3): 549-557.
- BONDUNKI, N. G. 2004. *Origens da habitação social no Brasil: arquitetura moderna, lei do inquilino e difusão da casa própria*.
- CARSTEN, J. 2007. *Ghosts of Memory: Essays on remembrance and relatedness*. Oxford: Blackwell Publishing.
- CASEMIRO; MACHADO; PAGODINHO. 1988. *Pisa como eu pisei*. In: *Jeito Moleque*, Zeca Pagodinho (interprete). BMG Gravadora.
- CLIFORD J. & MARCUS, G. 1986. *Writing Culture: the poetics and politics of ethnography*. University of California Press.
- CRUZ; FRANCO; PQD. 1987. *Luz do repente*. In: *Luz do Repente; Perola Negra* (interprete). São Paulo: RGE Gravadora.
- CRUZ; MARQUES; PAGODINHO. 1986. *Dor de amor*. In: Beth, Beth Carvalho e Zeca Pagodinho (interpretes). RCA Gravadora.
- Da MATTA, R. 1990. *Carnavais, malandros e heróis*. Rio de Janeiro: Guanabara.
- DAS, V.; POOLE, D. *El estado y suas márgenes*. *Etnografias comparadas*. Cuadernos de Antropologia Social, Buenos Aires, n. 27, p, 19-52, jan/jul. 2008.
- DAY, S. 2007. *Threading Time in the Biographies of London Sex Workers*. In: CARSTEN, J. *Ghosts of Memory: Essays on remembrance and relatedness*. Oxford: Blackwell Publishing.
- DETIENE, M. 2013. *Mestres da verdade na Grécia arcaica*. São Paulo: Martins Fontes.
- FUNDO de Quintal. 1986. *O mapa da mina*. São Paulo: RGE Gravadora.

- GEERTZ, C. 1989 [1973]. *Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan.
- GILROY, P. 2001. *Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Editora 34.
- GLUCKMAN, M. 2010. *A Análise de Uma Situação Social na Zululândia Moderna*. In: FELDMAN BIANCO, B. *Antropologia das Sociedades Contemporâneas: métodos*. São Paulo: UNESP.
- GOLDMAN, M. 2006. *Como funciona a democracia: uma teoria etnográfica sobre a política*. Rio de Janeiro: 7 Letras.
- GUIDOTTI, M. 2017. *Da quebrada olhando os balões do céu*. In: *Vozes à margem: periferia, estética e política*; Bertelli & Feltran (orgs.). São Carlos: Edufscar.
- _____. 2013. *Balão não tem destino: uma etnografia das relações de quebrada através das práticas dos baloeiros*. *Primeiros Estudos – Revista de Graduação em Ciências Sociais*. São Paulo, n.4, p. 46-57, jun.
- HOBBSBAWN, E. e RANGER. T. 1983. *The Invention of Tradition*. Crambridge: Crambridge University Press.
- INGOLD, T. 2011. *Culture on the ground: the work perceived through the feet (cap 3)* In *Being Alive: essas on movimento, Knowledge and descriptions*. Nova York: Routledge.
- JESUS, C. M. de. 1983. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática.
- LATOUR, B. 2011. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. São Paulo: Editora 34.
- _____. 2005. *Reassembling the social – introduction to actor-network-theory*. Oxford: Oxford Press.
- LOPES; SERENO. 1986. *Jogo de caipira*. In: *Zeca Pagodinho. Zeca Pagodinho (interprete)*. São Paulo: RGE Gravadora.
- MAGNANI, J. G. C. 2014. *Antropologia Urbana em São Paulo*. *Revista Arquivo Municipal (São Paulo)*, v. 205, p. 43-54.
- _____. 2002. “De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana”. *Revista de Ciências Sociais*, Fevereiro, Vol.17, Num. 49.
- _____. 2000. *Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole*. In: *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. José Guilherme C. Magnani (Org.); Lilian de Lucca Torres (Org.). 2 ed. São Paulo: Edusp.
- _____. 1998. *Festa no pedaço: Cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo: Hucitec/UNESP.

- MARCUS, G. & FISCHER, M. 1986. Anthropology as cultural critique. Na experimental moment in the human sciences. Chicago, University of Chigago Press
- MARQUES, A. 2014. Crime e Proceder: um experimento antropológico. 1. ed. São Paulo: Alameda.
- MARQUES, A. VILLELA, J. 2005. O que se diz, o que se escreve: etnografia e trabalho de campo no sertão de Pernambuco. Revista de Antropologia, São Paulo, v. 48 nº 1: 37 – 74.
- MAUSS, M. 2008. Sociologia e antropologia. São Paulo: Cosac Naify.
- MBEMB, A. 2014. A crítica à razão negra. Lisboa: Antígona.
- MOURTHÉ, P. H. 2015. Entre documento e as retomadas: movimento da luta pelo território em Bejos dos Crioulos (MG). Dissertação de mestrado apresentada ao PPGAS – UFSCar. São Carlos
- PAULINO, J. 2007. O pensamento sobre favela em São Paulo: uma história concisa das favelas paulistanas. Dissertação de mestrado apresentada ao curso de pós-graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.
- PEIXOTO, F. A. 2016. Literatura e imaginación etnográfica. Tropelias Revista de Teoria da Literatura y Literatura Comparada, v. 25, p. 49-59.
- PEREIRA, A. B. Fluxos insurgentes em São Paulo: os roles que amrcam a cidade. In: Vozes à margem: periferias, est[ética e política; Bertelli & Feltran (orgs.) São Carlos: Edufscar._____.
- _____. 2014. Rolezinho no shopping: aproximação etnográfica e política. Pensata: Revista do alunos do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UNIFESP. Vol. 3, n. 2, ano 4. p, 8-16._____.
- _____. 2013. Cidade de Riscos: notas etnográficas sobre pichação, adrenalina, morte e memória em São Paulo. Revista de Antropologia (USP. Impresso), v. 56, p. 81 110._____.
- _____. 2005. De rolê pela cidade: os pixadores em São Paulo. Dissertação de mestrado (Antropologia Social). USP.
- RABINOW, P. Beyond ethnography: anthropology as nominalism. Cultural Anthropology, vol. 3 (4): 355-364.
- RACIONAIS MC's. 2014. Cores e valores. São Paulo: Cosa Nostra Fonográfica e Boogie Naípe.
- _____. 2006. Mil trutas, mil tretas. São Paulo: Cosa Nostra Fonográfica.
- _____. 2002. Nada como um dia após o outro dia. São Paulo: Boogie Naípe.
- _____. 1997. Sobrevivendo no inferno. São Paulo: Cosa Nostra Fonográfica e Zimbabwe.
- REMJINSE, S. 2003. Memories of violence. Civil patrols and the legacy of conflict in Jouabaj, Guatemala. Amsterdam: Rozenberg Publishers.

- SAHLINS, M. 2008. Metáforas históricas e realidade míticas: estrutura nos primórdios da história no reino das ilhas Sandwich. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____. 1997. O pessimismo sentimental e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um objeto em via de extinção (parte II). *Mana* [on line], vol. 3, n.2, pp. 103-150.
- SUASSUNA, A. 1971. Romance d' pedra do reino e o príncipe do sangue vai-e-volta: romance armorial-popular brasileiro. Rio de Janeiro: José Olympio.
- SACHS, C. 1999. São Paulo: políticas públicas e habitação popular. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- STRATHERN, M. 2014. O efeito etnográfico e outros ensaios. São Paulo: Cosac Naify.
- _____. 2004. *Partial connections*. Laham (Estados Unidos), AltaMira Press. 1996. The concept of society is theoretically obsolete. The presentations: for the motion. In: Ingold (ed.) *Key debates in anthropology*. Londo: Routledge
- TASCHNER, S. P. 2001. Favelas em São Paulo – censos, consensos e contra censos. *Cadernos Metrópole*, vol. 5. 9 – 27.
- TOREN, C. 1996. The concept of society is theoretically obsolete. The presentations: for the motion. In: Ingold (ed.) *Key debates in anthropology*. London: Routledge.
- VILLELA, J. 2008. Política e eleições no sertão de Pernambuco: o povo em armas. Fortaleza: Pontes Editores.
- VEYNE, P. 1978. *Como se escreve a história*. Brasília: UnB.
- WAGNER, R. 2009. *A invenção da cultura*. São Paulo: Cosac Naify.